



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
UNIDADE ACADÊMICA DE EDUCAÇÃO

INFLUÊNCIAS FAMILIARES NO PROCESSO DE FORMAÇÃO DE ALUNOS
DO CURSO DE PEDAGOGIA

MARIA DO ROSÁRIO GOMES SOARES

CAJAZEIRAS – PB
2018

MARIA DO ROSÁRIO GOMES SOARES

INFLUÊNCIAS FAMILIARES NO PROCESSO DE FORMAÇÃO DE ALUNOS
DO CURSO DE PEDAGOGIA

Monografia apresentada ao curso de Licenciatura Plena em Pedagogia, da Unidade Acadêmica de Educação do Centro de Formação de Professores da Universidade Federal de Campina Grande, como requisito de avaliação para obtenção de licenciada em Pedagogia, sob a orientação do Professor Dr. Dorgival Gonçalves Fernandes.

CAJAZEIRAS- PB

2018

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação - (CIP)
Josivan Coêlho dos Santos Vasconcelos - Bibliotecário CRB/15-764
Cajazeiras - Paraíba

S676i Soares, Maria do Rosário Gomes.
Influências familiares no processo de formação de alunos do curso de pedagogia / Maria do Rosário Gomes Soares. - Cajazeiras, 2018.
60f.
Bibliografia.

Orientador: Prof. Dr. Dorgival Gonçalves Fernandes.
Monografia (Licenciatura em Pedagogia) UFCG/CFP, 2018.

1. Formação de professores. 2. Influência familiar. 3. Capital cultural.
4. Curso de pedagogia. I. Fernandes, Dorgival Gonçalves. II. Universidade Federal de Campina Grande. III. Centro de Formação de Professores. IV. Título.

UFCG/CFP/BS

CDU - 377.8

MARIA DO ROSÁRIO GOMES SOARES

INFLUÊNCIAS FAMILIARES NO PROCESSO DE FORMAÇÃO DE ALUNOS
DO CURSO DE PEDAGOGIA

Monografia apresentada ao curso de Licenciatura
Plena em Pedagogia, da Unidade Acadêmica de
Educação do Centro de Formação de Professores da
Universidade Federal de Campina Grande, como
requisito de avaliação para obtenção de licenciada
em Pedagogia, sob a orientação do Professor Dr.
Dorgival Gonçalves Fernandes.

Aprovada em: 01/03/2018

Banca Examinadora:



Prof. Dr. Dorgival Gonçalves Fernandes
(UAE-UFCG - Orientador)



Profª. Drª. Zildene Francisca Pereira
(Avaliador 1)



Prof. Dr. José Amiraldo Alves da Silva
(Avaliador 2)

AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço ao ser supremo que me concedeu o dom da vida, Jesus Cristo, que me deu a grande graça de compartilhar momentos de batalhas e glórias durante esses anos de estudos. Por força do destino tive que interromper a caminhada e adiar esse sonho por um tempo, porém, nesse período tive a honra de poder contar com o apoio dessas pessoas a quem externo minha eterna admiração e gratidão:

Minha Mãe Luzia, a minha maior força e fortaleza. Agradeço pelas suas orações e amor incondicional que me fazem lutar pelos seus sonhos;

Meu Pai Raimundo, obrigado pela linda e sábia frase: “Estudo e saber são riquezas. É a maior herança que um pai pode deixar para seus filhos”;

Minhas irmãs e irmão, agradeço todo apoio, em especial a minha irmã Luzanira (*in memoriam*) que sempre esteve comigo fisicamente ao longo dessa caminhada; hoje conto com sua luz e força espiritual a quem devo parte de minha formação pessoal e acadêmica incentivadora a seguir e lutar pelos meus sonhos. Mulher guerreira de fé, de sábias palavras e simplicidade, minha grande influência para com a docência. Maria Helena minha irmã e fiel escudeira, agradeço pelo apoio e carinho, ouvindo meus desabafos e torcendo pelo meu sucesso;

Meu amigo Gledson, que a vida me deu de presente no momento inesperado. E a todos os meus amigos e colegas que me apoiaram de forma direta e indiretamente;

Aos colegas de curso, que compartilharam alegrias, conhecimentos. Monica e Márcia, colegas inseparáveis de sala de aula, hoje irmãs de coração. Silvana, colega de sala de aula e irmã que me segurou firme quando quis naufragar.

A todos os professores do curso, em especial às professoras Zildene e Nozângela, que muito contribuíram para minha formação acadêmica. Amigas nos momentos difíceis da minha vida a quem sempre procurei e encontrei abrigo.

À professora Elzanir Santos por suas belas aulas de sociologia e primeira pessoa a ter apresentando com muito esmero a teoria bourdieusiana, incentivadora desse trabalho.

Aos professores Zildene Francisca, José Amiraldo e Alexandre Martins Joca que aceitaram compor a banca examinadora, contribuindo com suas leituras e ensinamentos para a conclusão desse trabalho.

Por último, não por ser o menor nesse trajeto, mas sim por ser a peça fundamental nesse trabalho, meu professor orientador Dr. Dorgival, a quem sinto-me imensamente honrada em ter compartilhado saberes. Meu muito obrigado por todo apoio, incentivo e confiança, um exemplo de um bom educador, a ti devo gratidão e respeito por toda dedicação e paciência.

Enfim, a todos, meu muito obrigada por acreditarem na minha capacidade e por contribuírem para que meu sonho tornasse possível, me levando a buscar o conhecimento, riqueza a qual irei multiplicar.

MEU MUITO OBRIGADA!

Tenha em mente que tudo que você aprende na escola é trabalho de muitas gerações. Receba essa herança, honre-a, acrescente a ela e, um dia, fielmente, deposite-a nas mãos de seus filhos.

(Albert Einstein)

Dedico esse trabalho a minha irmã, a professora, amiga e companheira Luzanira Gomes Soares, a luz para minhas ideias, a inspiração para os meus sonhos... Parte de mim é fruto de sua herança. (In memoriam)

RESUMO

Este trabalho tem como tema de estudo influências familiares no processo de formação de alunos do curso de Pedagogia. O nosso propósito é fazer uma reflexão sobre a influência cultural familiar no processo de formação de estudantes do curso Pedagogia da Universidade Federal de Campina Grande – UFCG, campus de Cajazeiras. Neste sentido, buscamos compreender o papel social e cultural desempenhado pela família no processo de escolha feito por esses estudantes pelo curso de Pedagogia e o modo como se dá a influência cultural familiar na trajetória estudantil desses sujeitos. Toma-se como principal embasamento teórico as ideias do sociólogo Pierre Bourdieu. Trata-se de um estudo que se apresenta na abordagem da pesquisa qualitativa, de cunho descritivo. O instrumento de coleta de dados adotado foi a entrevista semiestruturada, com perguntas relacionadas à temática abordada, a pesquisa teve como sujeitos seis (6) alunos do curso de pedagogia. A partir das análises dos dados constatou-se que a escola, a família e o meio social promovem relações de interdependência e influenciam na escolha pelos cursos e na trajetória escolar dos seus membros. As análises nos mostram que o capital cultural familiar e o capital econômico tendem a favorecer os alunos no espaço universitários, pois as maiores dificuldades citadas pelos estudantes pesquisados com relação à permanência estão associadas às questões financeiras dos sujeitos em manterem-se no curso, sendo que o Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais é o principal suporte a favorecer a permanência desses alunos no curso. Constatamos também o desconhecimento pela grande maioria dos alunos sobre o curso de Pedagogia, antes de nesse ingressar, e também que esse curso é visto pelo meio familiar e social como algo de menor prestígio social e econômico. Dessa forma é enfatizada a relação entre a herança cultural familiar e o meio social e econômico no desempenho e no percurso escolar, principalmente em nível superior. Assim, este estudo sobre o papel da família na educação escolar dos sujeitos evidenciou que as desigualdades sociais, econômicas e culturais influenciam efetivamente na escolha do curso superior e na trajetória dos estudantes neste curso e a universidade tem dado pouca relevância a essas desigualdades e à cultura diversificada dos seus alunos.

Palavras-chave: Capital cultural; Influência familiar; Processo de formação; Curso de Pedagogia.

ABSTRACT

This work has as its theme familiar influences in the process of training students of the Pedagogy course. Our purpose is to reflect on family cultural influence in the process of training students of the Pedagogy course of the Federal University of Campina Grande - UFCG, Cajazeiras campus. In this sense, we seek to understand the social and cultural role played by the family in the process of choice made by these students in the course of Pedagogy and the way in which the familiar cultural influence in the student trajectory of these subjects is given. The main theoretical basis is the ideas of the sociologist Pierre Bourdieu. This is a study that is presented in the qualitative research approach, with a descriptive character. The instrument of data collection adopted was the semistructured interview, with questions related to the topic addressed, the research had as subjects six (6) students of the pedagogy course. From the analysis of the data it was verified that the school, the family and the social environment promote relationships of interdependence and influence in the choice of the courses and in the school trajectory of its members. The analyzes show that family cultural capital and economic capital tend to favor students in university space, because the greatest difficulties cited by the students surveyed in relation to permanence are associated to the subjects' financial issues in keeping up the course, the Support Program for Restructuring and Expansion Plans of Federal Universities is the main support to favor the permanence of these students in the course. We also note the lack of knowledge by the great majority of students about the course of Pedagogy, before joining, and also that this course is seen by the family and social environment as something of lesser social and economic prestige. In this way, the relationship between the family cultural heritage and the social and economic environment in the performance and in the school course, especially at the higher level, is emphasized. Thus, this study on the role of the family in the school education of the subjects showed that social, economic and cultural inequalities influence the choice of the course and the trajectory of the students in this course and the university has given little relevance to these inequalities and to the culture of its students.

Key words: Cultural capital, Family influence; Training process; Pedagogy course.

LISTA DE SIGLAS

UFCG Universidade Federal de Campina Grande

CFP Centro de Formação de Professores

REUNI Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	13
2. REFERENCIAL TEORICO.....	16
2.1.As influências familiares na trajetória escolar.....	16
2.2.A herança cultural familiar e seus impactos nas trajetórias escolares.....	22
2.3.A relação família e escola e o acesso, a permanência e o sucesso escolar.....	23
3. PROCEDIMENTOS METODOLOGICOS.....	26
4. QUADRO DE ANÁLISES: AS INFLUÊNCIAS FAMILIARES NO DESEMPENHO DOS ALUNOS DO CURSO DE PEDAGOGIA.....	29
4.1.Ingresso na Universidade e no Curso de Pedagogia.....	29
4.2.As dificuldades enfrentadas no acesso e na permanência no Curso de Pedagogia.....	44
4.3.Capital cultural familiar e aspiração ao ensino superior.....	48
5. CONSIDERAÇÕES.....	57
REFERÊNCIAS.....	59
APÊNDICES	

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como tema de estudo “Influências familiares no processo de formação dos alunos do curso de Pedagogia”. O nosso propósito é fazer uma reflexão sobre a influência cultural familiar no processo de formação de estudantes do curso de Pedagogia da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), campus de Cajazeiras. Neste sentido, buscamos compreender o papel social e cultural desempenhado pela família no processo de escolha feita por esses estudantes pelo curso de Pedagogia e o modo como se dá a influência cultural familiar na trajetória estudantil desses sujeitos.

Para tanto desenvolvemos os seguintes objetivos: a) Geral: Compreender como se dá a influência cultural familiar no processo de formação dos estudantes do curso de Pedagogia do CFP/UFCG; b) específicos: Identificar os elementos que constituem o capital cultural familiar dos estudantes do curso de Pedagogia do CFP/UFCG; Caracterizar os fatores familiares que interferem na escolha da profissional docente; Apontar os desafios enfrentados pelos estudantes do curso de Pedagogia no acesso e na permanência nesse curso e a sua relação com o capital cultural familiar; Destacar os fatores relevantes que evidenciam a influência cultural familiar na formação dos estudantes do curso de Pedagogia – UFCG; Verificar as consequências da influência do capital cultural familiar sobre o desempenho escolar dos alunos do curso de Pedagogia do CFP/UFCG.

O tema e os objetivos deste trabalho se justificam no fato de percebermos a importância do papel que o contexto familiar e sociocultural exerce na vida dos estudantes. Assim, entendemos ser importante investigar como a influência cultural familiar é manifestada e apreendida no processo de formação dos alunos do curso de pedagogia. Neste sentido, a nossa questão de pesquisa é: Como a família influencia na escolha do curso e na vida estudantil de alunos para o seu desempenho no Curso de Pedagogia do CFP/UFCG, considerando-se o capital cultural familiar.

Sabe-se que a escola desempenha um papel fundamental na vida do cidadão, pois esta oportuniza a estruturação e aquisição de saberes necessários ao convívio social e cultural do indivíduo, isto é, oferece a este a chance de aprimorar os conhecimentos já existentes e adquirir novos. A sua cultura permite o acesso ao mundo do conhecimento e dos valores sociais reconhecidos como válidos pela sociedade. Neste sentido, compete à escola a função de socialização dos conhecimentos construídos, pois é “[...] uma instituição cujo papel consiste na socialização do saber sistematizado” (SAVIANI, 2011, p.14). Partindo desse

princípio, a escola moderna teria como principal meta o desenvolvimento humano no que diz respeito ao aperfeiçoamento de suas potencialidades de modo que os sujeitos possam atuar ativamente na sociedade, uma vez que a instituição escolar trabalha na formação dos indivíduos preparando-os para intervir e transformar suas realidades. Assim: [...] “torná-lo cada vez mais capaz de conhecer os elementos de sua situação a fim de poder intervir nela transformando-a no sentido da ampliação da liberdade, comunicação e colaboração entre os homens” (SAVIANI, 1980, apud CARDOSO e LARA, 2009, p.1319).

Nessa perspectiva, a educação escolar tem como meta propor condições de comunicação e desenvolvimento entre os indivíduos, e integrar o homem no fortalecimento de suas capacidades, agindo como promotora do desenvolvendo humano nos seus aspectos intelectual e social em consonância com a família.

Nesse caso, sendo a família uma instituição considerada “célula mãe da sociedade”, traz em seu contexto normas e valores que devem efetivamente contribuir na formação dos sujeitos em sociedade. Desse modo, compartilha saberes que são heranças culturais passadas para as novas gerações e que devem ser consideradas na trajetória escolar dos sujeitos. Conforme Casarin e Ramos (2007, p.184) afirmam:

A família não é somente o berço da cultura e a base da sociedade futura, mas é o centro da vida social. A educação bem sucedida serve de apoio à criatividade e ao comportamento produtivo escolar. A família tem sido, e será, a matriz do desenvolvimento da personalidade e do caráter das pessoas

Neste contexto, os valores sociais e familiares estão entrelaçados no contexto escolar, como o universo escolar está intrinsecamente vinculado à sociedade. Então, entende-se que a família e a escola são instituições que juntas colaboram na formação do ser cidadão, e que os valores herdados no seio familiar podem favorecer na trajetória dos estudantes. No entanto, ambas exercem funções diferenciadas na construção do conhecimento e formação cidadã dos indivíduos. A família atua como mediadora no acesso destes às instituições de ensino, já a escola atua na sistematização dos conhecimentos e no desenvolvimento das habilidades e da capacidade de assimilação desses conhecimentos.

Vivendo em um contexto familiar e social considerado como pobre, percebemos que uma parte importante das pessoas que chega a cursar a universidade em cursos de formação de professores tem parentes que são professores. Como exemplo a citar são os membros de minha família como: minha irmã, cunhada, primas e várias outras pessoas da comunidade cursaram ou ainda estão cursando na área de formação de professores. Nisto pode-se perceber

que o acesso a esses cursos está relacionado com a convivência cultural familiar, isto é, percebe-se que há membros da família atuando nesta área profissional.

Na medida em que a família e a escola compartilham e desempenham papéis sociais, políticas e educacionais na formação dos indivíduos, estas contribuem na formação integral dos indivíduos, ampliando as capacidades cognitivas, sociais e culturais e tornam-se responsáveis pela transmissão e construção do conhecimento e saberes culturalmente herdado pelo meio social, cultural e familiar que passam a ser peça fundamental para o acesso e a permanência na escola. A cultura familiar e escolar desencadeia processos promissores ou inibidores no crescimento intelectual dos indivíduos (DESSEN e POLONIA, 2007), visto que, via de regra, é no seio familiar que o indivíduo entra em contato com as primeiras formas de valores, modelos e padrões de convivência social, e nesse caso, a escola seria a instituição responsável pela maior compreensão e apreensão desses valores e padrões postos pela sociedade.

Mediante essas considerações, propomos contribuir para com o campo da educação ressaltando o relevante papel da família para o sucesso ou fracasso dos seus filhos na instituição escolar, a partir das considerações de Pierre Bourdieu sobre a importância do capital cultural familiar tanto na formação intelectual como na formação pessoal dos indivíduos.

O estudo está dividido em quatro capítulos: o primeiro aborda a fundamentação teórica sobre o tema pesquisado, no segundo descrevemos os recursos metodológicos utilizados para a coleta e o tratamento dos dados pesquisados; o terceiro descreve as análises e a discussão dos dados coletada na pesquisa, e por último, teremos as considerações finais sobre o trabalho realizado.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 As influências familiares na trajetória escolar

Ao pensar sobre a influência cultural familiar na trajetória de estudantes do curso de Pedagogia, há a necessidade de, primeiramente, ressaltar a importância do papel familiar exercido na vida e na formação dos indivíduos. Neste sentido, fazendo uma referência ao conceito de família, podemos assim entender esta como a primeira instituição que o ser humano faz parte, e nela adquire os primeiros conhecimentos sobre o mundo, considerados necessários para se viver em sociedade. Conhecimentos esses considerados empíricos tais como: respeito, valores, moral, entre outros que são obtidos pelas experiências pessoais vividas no cotidiano, de modo que não exige comprovação científica. E conseqüentemente funciona como os primeiros agentes socializadores na vida dos sujeitos.

Conforme afirmam Dessen e Polonia (2007 p. 22), “A família, presente em todas as sociedades, é um dos primeiros ambientes de socialização do indivíduo, atuando como mediadora principal dos padrões, modelos e influências culturais”. Com isso a família é a base de desenvolvimento do ser cidadão, ou seja, é a primeira a instituição a contribuir na formação dos indivíduos.

Diante disto, pode-se perceber que o indivíduo para desenvolver-se precisa apropriar-se de valores culturais e sociais que estão inseridos no seu próprio contexto sociocultural. E a família é a base primordial nessa construção do sujeito em sociedade, mas também há participação da escola, igreja, movimentos sociais, grupos políticos entre outros, que efetivamente contribuem na formação do ser. Nessa ótica remetemo-nos ao estudo de Bourdieu, sua teoria faz uma reflexão sobre a construção do indivíduo como sujeito que impossivelmente se constitui como um ser individual, e sim um sujeito que se mantém interligado ao sistema de relações nas quais pertence, desconsiderando, desse modo, a ideia de um ser sem influências familiares e sociais, mas sim um ser caracterizado por uma bagagem socialmente herdada. Incluindo assim uma categoria de elementos definidos como: capital econômico, capital social e capital cultural. (Nogueira; Nogueira, 2009).

Ao tratar dos capitais culturais, é importante destacar a família e as relações sociais como bases essenciais no processo de formação do indivíduo. Isto porque é partindo do meio familiar e social que o indivíduo desenvolve os primeiros aprendizados e apreende valores e recursos necessários para a sua formação, de modo que o capital econômico tido como os recursos e bens financeiros é propício àqueles que dispõem do capital social e

consequentemente, o capital cultural será *a posteriori* a correlação das junções dessas duas modalidades de capital, ou seja, do capital social – família e relações sociais, e capital econômico – bens financeiros. Dessa forma essas categorias são apoios para que o sujeito tenha sucesso ou fracasso escolar.

Para melhor esclarecer os tipos de capitais, nos reportamos à teoria de Bourdieu, pois ele desenvolve as noções referentes aos tipos de capitais: econômico, social e cultural. O capital econômico são os bens financeiros que intervêm operacionalmente nos outros tipos de capitais. De acordo com Bourdieu:

O capital econômico, na forma de diferentes fatores de produção (terras, fábricas, trabalho) e do conjunto de bens econômicos (dinheiro, patrimônio, bens materiais), é acumulado, reproduzido e ampliado por meio de estratégias específicas de investimento econômico e de outras relacionadas a investimentos culturais e à obtenção ou manutenção de relações sociais que podem possibilitar o estabelecimento de vínculos economicamente úteis a curto e longo prazo (apud BONAMINO, ALVES e FRANCO, 2010, p. 488).

Compartilhando do mesmo pensamento de Bourdieu, Coleman (1988) define o capital econômico como um importante fator a influenciar o desenvolvimento escolar, de modo que a posse desse capital torna-se como uma espécie de ferramenta para o alcance do melhor nível de escolaridade. Assim Coleman define capital econômico como: [...]“renda e riqueza material e também em termos dos bens e serviços a que ele dá acesso. [...] como uma parte importante da relação que une a origem familiar às diferentes posições socioeconômicas”. (Apud BONAMINO, ALVES E FRANCO, 2010 p 488). Na visão desse sociólogo, o capital econômico e o capital cultural são recursos úteis à vida social e escolar.

Ademais, esse capital econômico pode ser transformado em capital escolar, a partir do momento que cria estratégias e possibilidades do indivíduo ter maiores chances de escolher qual instituição pode ser melhor para a sua desenvoltura e acesso aos mais elevados níveis de ensino, isto é, o ensino superior.

O capital social é uma espécie de recurso e posses duráveis que são mantidas nas relações em que os indivíduos estabelecem com os seus pares. Assim, Nogueira e Catani (2007, p.10) dizem que:

O capital social é, para Bourdieu, o conjunto de recursos (atuais ou potenciais) que estão ligados à posse de uma rede durável de relações mais ou menos institucionalizadas, em que os agentes se reconhecem como pares ou como vinculados a determinado(s) grupo(s). Tais agentes são adotados de propriedades comuns e, também, encontra-se unidos através de ligações permanentes úteis.

Já o capital cultural está intrinsecamente relacionado ao capital econômico e social em virtude de que para a aquisição do capital cultural, efetivamente tem-se um capital econômico e social. Segundo Bourdieu, a esse capital é atribuído um peso importante ao sucesso escolar e o seu conceito é tomado como possibilidade para se compreender as diferenças de rendimento escolar entre as classes sociais. Sobre o capital cultural, esse sociólogo afirma:

A noção de capital cultural impôs-se primeiramente, como uma hipótese indispensável para dar conta da desigualdade de desempenho escolar de crianças provenientes das diferentes classes sociais relacionando ao “sucesso escolar”, ou seja, os benefícios específicos que as crianças das diferentes classes e frações de classes podem obter no mercado escolar. (BOURDIEU, 2007, p.73).

O capital cultural pode existir sob três estados: estado incorporado, estado objetivado e estado institucionalizado. O primeiro dá-se sob a apropriação e internalização da própria cultura, isto na forma de disposições duráveis do organismo com demanda de tempo para sua incorporação por parte do seu agente. O segundo refere-se aos bens culturais que são socialmente valorizados, tais como: esculturas, pinturas, livros, quadros, dicionários, máquinas e as obras de artes etc. Já o terceiro é a materialização do capital cultural por meio da posse de certificados e diplomas escolares.

As diferenças existentes entre estes tipos de capitais caracterizam o aprendizado como sendo parte da família e do meio social, e concretiza-se na escola, ou seja, os aprendizados efetuados nos espaços familiares seriam caracterizados pela própria garantia do portador (pessoa) ter maiores oportunidades de efetivar a sua trajetória escolar, por sua vez, o aprendizado escolar sistemático seria caracterizado por ser espontâneo e consciente, garantindo ao seu portador uma familiaridade com seus saberes, dando maior favorecimento aqueles que dispõem de uma cultura inerente a suas vivências.

Neste sentido, ao abordar a trajetória de estudantes, desde os anos iniciais até o ensino superior, podemos compreender como a família torna-se parte fundamental no processo de escolarização, ao operar a herança cultural na formação dos sujeitos que trazem em suas histórias de vida fortes laços referentes às suas posições sociais, pois cada aluno pertence a determinado grupo familiar, interpretando, produzindo significados e sentido sobre a sua vivência de mundo e de si mesmo tendo em consideração o capital cultural familiar.

É importante ressaltar que o ambiente sociocultural é um fator fundamental na vida escolar de cada indivíduo, uma vez que a convivência familiar apresenta conceitos e conhecimentos relativos a situação territorial, econômica, bem como a entendimentos, padrões, comportamentos e valores, tendo em vista que o ser humano capitaliza a sua prática e

a sua sobrevivência social a partir das marcas culturais da sua família. Assim, percebe-se que o meio familiar ao qual o sujeito está inserido tem uma relação com as escolhas que o mesmo faz na vida, tanto as profissionais como também o modo como efetua a sua trajetória escolar.

Através da transmissão do capital cultural advindo da herança familiar, esse capital pode ter um papel importante no acesso à escola e na direção da sua trajetória. Os pais ao transmitir padrões de comportamento podem gerar a possibilidade dos filhos ter maior ou menor interesse nos estudos e desenvolver aptidão para determinadas carreiras. Pois é no seio familiar e no ambiente social que surgem os primeiros índices de valores éticos, costumes, crenças, gostos e formas de comportamentos, ou seja, cada família tem a sua própria cultura.

E até mesmo o uso da linguagem é diferenciada entre as famílias a depender da sua localização territorial, social e econômica, para alguns a língua adotada é a formal (cultura), já outros adotam a informal (coloquial). Isto ocorre devido às variedades linguísticas, ou seja, aspectos relacionados à classe social e origem geográfica própria de cada usuário que faz uso da comunicação. Dessa forma a linguagem recebe influências de diversos fatores, tais como: origem social, status socioeconômico, grau de escolaridade, idade, sexo, profissão e redes sociais. Segundo pesquisas linguísticas no Brasil, os motivos que mais podem ser destacados como maiores impactos na variação linguística são: o grau de escolaridade e status econômicos. O grau de escolaridade está, muitas vezes, relacionado ao status socioeconômico. (BAGNO, 2007). Nesta perspectiva, percebemos que as relações socioeconômicas estão diretamente ligadas à vida de todo e qualquer indivíduo e que podem afetar diretamente a sua formação no espaço escolar, uma vez que, dependendo do nível de escolaridade, pode-se fazer uso da língua formal ou informal e tal uso pode interferir na qualidade e na extensão da sua formação escolar.

É imprescindível destacar que a escola é uma instituição formal que, predominantemente, transmite conhecimentos de uma cultura elitista. Em consequência disto terá maior êxito escolar aqueles que são pertencentes à classe considerada de elite e, em seu convívio social e familiar, lidam com situações pertencentes às práticas escolares, como exemplos: o uso da língua culta e a disponibilidade de acesso a museus, cinemas, teatros e grandes obras, tais como quadros, livros, entre outros. Assim: “Em primeiro lugar, a posse de capital cultural favorecerá o desempenho escolar na medida em que facilitaria a aprendizagem dos conteúdos e dos códigos (intelectuais, linguísticos, disciplinares) que a escola veicula e sanciona” (NOGUEIRA, NOGUEIRA, 2009, p.52). Nessa perspectiva a educação escolar, na sua prática pedagógica, manifesta a desigualdade social e em muitos casos, reforça-a.

A educação escolar parte do princípio da legitimação da formalidade do currículo com conteúdo predominantemente favorável a uma classe elitista, de modo que exige uma linguagem culta (formal), vindo a favorecer, de certo modo, os estudantes que tem em seu próprio convívio social a apropriação dessa cultura. Para (Baudelot apud VASCONCELLOS, 2002, p. 80): “O que Bourdieu demonstra é que existe relação entre a cultura e as desigualdades escolares: a escola pressupõe certas competências que são de fato adquiridas na esfera familiar” Neste sentido, o sucesso e o fracasso escolar estão relacionados às desigualdades entre as diferentes classes sociais, de modo que a cultura dominante (elitista) é tida como privilegiada e legítima, passando assim a reproduzir as desigualdades sociais e escolares.

A esse respeito Fernandes (2005. p.73) enfatiza o seguinte:

A herança cultural que cada família possui influencia diretamente no sucesso ou o fracasso escolar de seus filhos, pois quem chega na escola detendo um certo capital cultural legitimado socialmente e valorizado pela escola, tem mais chance de ter êxito escolar

No entanto, muitas vezes tem-se uma visão da escola como sendo uma instituição politicamente neutra, que transmite conhecimentos universais, para todos os seus partícipes. Todavia, ao observarmos a instituição escolar à luz da teoria bourdiesiana, de fato podemos pensar, a escola como instituição neutra? Ou a escola como instituição que transmite conhecimentos oriundos de uma cultura dominante? Analisando esses questionamentos na concepção da teoria de Bourdieu, pode-se dizer que a escola é uma instituição que recebe influências do meio social, econômico e familiar. E, na sua prática educativa, os conhecimentos tratados no processo de ensino-aprendizagem são abordados na perspectiva da cultura dominante.

Segundo a teoria de Bourdieu, ocorre no cenário escolar o arbitrário cultural em que corresponde a imposição aos valores e normas de uma classe dominante sobre uma classe dominada. Nessa perspectiva, arbitrário cultural é a seleção de valores e significados cultivados como legítimos e universais de um grupo social dominante, e é imposta sobre outro grupo social. A escola ao legitimar uma cultura como única e universal passa a praticar a violência simbólica a qual, Bourdieu vai dizer que é a forma que a escola vê como natural a imposição dessa cultura de uma classe dominante (elite) sobre a classe dominada (classe popular). A violência simbólica, segundo Vasconcellos (2002 p,81), “aparece como eficaz para explicar a adesão dos dominados: dominação imposta pela aceitação das regras, das

sanções, a incapacidade de conhecer as regras de direito ou morais, as práticas lingüísticas e outras”.

A escola ao adotar essa postura acaba por beneficiar aqueles que por sua própria cultura já são de fatos beneficiados. E, através do sistema de ensino, é imposta uma “verdadeira cultura igualitária”, mas na sua total realidade, é a camada social de maior poder aquisitivo que detém o domínio e reprodução dessa cultura legítima. Entretanto, o sistema escolar se diz atuar na forma da neutralidade, de não pertencimento e valorização da cultura dominante de elite. A fala pregada pela escola é da igualdade para todos, deixando transparecer como neutra sem influência de classe social. Dessa forma:

Uma das conseqüências desse sistema é que a escola aparece justa e “neutra” no seu funcionamento, enquanto as injustiças e as desigualdades sociais é que são diretamente a causa das desigualdades escolares. Num tal sistema, a escola intervém relativamente pouco sobre o destino dos indivíduos, que é, antes de mais nada, um destino social, e, quando intervém, ela o faz sobretudo de maneira “positiva”, segundo o modelo da promoção dos melhores alunos egressos do povo: é o modelo do “elitismo republicano”. (DUBET, 2003, p. 32)

Nessa perspectiva a ação pedagógica atua no benefício da classe dominante e das diferenças de classes, expandido caminhos para a construção do conhecimento formal científico, moldando-as a determinadas formações, tornando-lhes profissionais desta ou daquela área. E, a família e o meio social são fundamentais neste processo de fecundação e desenvolvimento na busca dos conhecimentos, motivando seus membros nas escolhas dos tipos de formações acadêmicas que lhes sejam oportunas, ou seja, que mais lhe são acessíveis. Segundo Bourdieu (1989, apud NOGUEIRA e NOGUEIRA, 2009 p. 55).

O “interesse” que um agente (ou uma classe de agentes) tem pelos “estudos” (e que é, justamente com o capital cultural herdado, do qual ele depende parcialmente, um dos fatores mais poderosos do sucesso escolar), depende não somente de seu êxito escolar atual ou pressentido (i.e., de suas chances de sucesso dado seu capital cultural), mas também do grau em que seu êxito social depende de seu êxito escolar.

Apreendendo a intensa relação que os laços familiar e social desempenham na vida dos indivíduos, pode-se assim enfatizar que a escolha dos estudantes para ingressar nos cursos superiores, muitas vezes, sucede da participação e influência que a família e o convívio social lhe atribuem, uma vez que a relação com o saber está relacionado a sua vivência com o grupo social e familiar. Dessa forma, o saber também é social, pois expressa as condições sociais do indivíduo e as relações na qual esse sujeito está inserido. (CHARLOT, 2000).

Portanto, percebe-se que a família e a escola têm uma relação de interdependência na formação dos sujeitos, neste sentido, não podem ser vistas como instituições que atuam separadas nesse processo. Posto que a família desempenha um papel importante de mediação entre as ações materiais e simbólicas na vida escolar dos seus membros, por essa razão não pode ser desconsiderada a presença da herança familiar na trajetória escolar.

2.2 A herança cultural familiar e seus impactos nas trajetórias escolares

A formação do sujeito está atrelada aos saberes que são frutos das situações vivenciadas tanto no convívio familiar, bem como no convívio social, isto é, o sujeito no seio da família aprende relação de determinados valores, tais como: crenças, posturas, gostos, valores éticos e morais, bem como aspectos e vivências que são peculiares ao seu grupo familiar, e no meio social ao qual esse sujeito pertence, esse irá também se deparar com essas mesmas relações de valores. Estes valores supracitados o acompanharão no decorrer de sua existência e, conseqüentemente, serão de grande importância para suas trajetórias escolares, já que a escola é uma reprodutora e propagadora dos valores socialmente construídos e validados socialmente.

Ao observar a necessidade de uma relação de colaboração entre a família e a escola, na formação dos indivíduos percebe-se que fatores socioeconômicos e familiares intervêm no processo escolar, e a relação de proximidade entre a família e a escola pode oferecer um melhor rendimento escolar. Portanto a família e a escola são instituições fundamentais e responsáveis pela difusão do capital cultural, podendo também atuar como promotoras das desigualdades sociais, visto que o capital cultural não é comum a todas as classes sociais.

Assim, é possível se constatar que cada família transmite a seus membros determinada bagagem que será de grande relevância para a sua vida estudantil, e isso também está relacionado com o acesso e a permanência escolar de seus filhos. Sendo assim, ao adentrarem na escola os indivíduos trazem alguns conhecimentos e valores que são próprios da sua cultura, e esses conhecimentos vão sendo construídos ao longo de suas vidas, juntamente com o meio em que estes indivíduos se encontram, os quais são reconstruídos no âmbito escolar, ou rechaçados, pois a escola muitas vezes, dada a cultura que reproduz se choca com a cultura familiar de parte dos seus alunos. Essa é uma das críticas que Bourdieu faz sobre a escola.

Então, muitas vezes a origem social, econômica e a herança cultural familiar poderá dificultar a aprendizagem escolar dos seus filhos. Com isso é pertinente dizer que a herança

cultural familiar e as relações sociais desempenham imensa influência na construção do saber, na sua distribuição e certificação. Nesse caso, para a maioria dos alunos oriundos de famílias desprovidas do capital cultural valorizado e legitimado pela escola torna-se mais difícil o desenvolvimento de suas capacidades cognitivas, bem como a motivação e valorização da vida estudantil, influenciando negativamente na sua trajetória escolar.

Enquanto para a maioria dos alunos vindos de famílias com capital cultural valorizado, esses têm maiores facilidades, isso porque o seu convívio familiar e social é marcado por relações de valores e regras privilegiados na escola. Com isso os educandos que têm o capital cultural valorizado poderão apresentar maior familiaridade e interesse pelo universo escolar, e conseqüentemente melhor desempenho, pois que em seu cotidiano convivem com situações semelhantes ao contexto escolar. Enquanto os alunos de classe social de capital desvalorizado encontram maiores dificuldades de aprendizagem por não terem as mesmas experiências. De acordo com Nogueira e Catani (2007, p. 9):

Os educados provenientes de famílias desprovidas de capital cultural apresentarão uma relação com as obras de cultura veiculadas pela escola que tende a ser interessada, laboriosa, tensa, esforçada, enquanto para os indivíduos originários de meios culturalmente privilegiados essa relação está marcada pelo diletantismo, desenvoltura, elegância, facilidade verbal “natural”. Ocorre que, ao avaliar o desempenho dos alunos, a escola leva em conta sobretudo - consciente ou inconscientemente - esse modo de aquisição (e uso) do saber ou, em outras palavras, essa relação com o saber.

Na escola o sujeito depara-se com situações e habilidades oriundas de um determinado capital cultural familiar e social, em virtude disto apenas alguns, que na sua cultura diária está de algum modo vinculada à cultura escolar. Dessa forma a escola passa a privilegiar apenas um grupo de pessoas, contribuindo para a reprodução da desigualdade social.

2.3 A relação família e escola e o acesso, a permanência e o sucesso escolar

Como foi frisado no item anterior, a família, a sociedade e a escola são condutoras de processos de elaboração e transmissão de conhecimentos para os seus membros. Isso porque são eles os detentores dos capitais que asseguram a trajetória dos indivíduos quanto ao desenvolvimento do aprendizado. No caso, o conhecimento informal (não sistematizado) é construído e assimilado no seio da família e no meio social, e o conhecimento formal (sistematizado), na escola. Segundo Saviani (2011 p.14):

Sistematizado; não se trata, pois, de qualquer tipo de saber. Portanto, a escola diz respeito ao conhecimento elaborado e não ao conhecimento

espontâneo; ao saber sistematizado e não ao saber fragmentado; à cultura erudita e não à cultura popular.

Assim, a escola, ao valorizar uma cultura que apenas uma parcela de seus membros tem acesso, dificulta a escolarização dos menos favorecidos, neste caso, os estudantes pertencentes à classe popular. Ocorre assim a reprodução das desigualdades sociais pela via da escolarização. Compreende-se que essas instâncias, família e sociedade, geram oportunidades desiguais, podendo ser garantia para o acesso e a permanência na vida estudantil, bem como o sucesso na trajetória escolar e na sua ascensão ao mercado de trabalho. Sendo assim, a trajetória e a formação escolar não podem ser vistas como isoladas do contexto sociocultural do indivíduo.

Neste sentido, sendo a família o primeiro convívio social do indivíduo, é nele que o mesmo vai assimilando a questão de valores e, conseqüentemente, vai formulando seus ideais, entre eles, os referentes aos estudos, embora isso não se dê assim de modo tão mecanicamente estruturado. Porém, é notório que quase sempre os pais queiram que os seus filhos estudem, pois vêem de alguma forma, nos estudos, as chances de os filhos progredirem na vida, tanto no aspecto financeiro, como no aspecto de status sociais. No entanto, observa-se que as famílias detentoras de maiores poderes aquisitivos são as que mais procuram investir nos estudos dos seus membros, pois para elas, é a melhor forma de permanecerem na categoria social a que pertencem. Ao contrário daquelas de menor poder aquisitivo, para as mesmas seus incentivos e investimentos financeiros e temporais para os estudos é visto como incertos, tendo em vista que as suas condições econômicas são menores, e o esforço nem sempre dão retorno. Nogueira e Nogueira (2002, p. 24) afirmam que:

Essa família estaria, em função de sua condição socioeconômica, menos preparados para suportar os custos econômicos dessa espera (especialmente o andamento do filho entrada do filho no mercado de trabalho). Acredita-se a isso o fato de que os retornos alcançados com os títulos escolares dependem, parcialmente como foi dito anteriormente, da posse de recursos econômicos sociais possíveis de serem mobilizados para potencializar o valor dos títulos.

E assim se confirma a configuração e a influência do capita cultural e econômico no processo educativo e a desigualdade quanto ao acesso, à permanência e o sucesso escolar. A escola é o ambiente de apreensão e sistematização do conhecimento. Conhecimento este que é organizado e valorizado por uma cultura dominante e elitista. Todavia, a escola atua com um discurso de ser propagadora da difusão desse conhecimento de forma democrática para todos os alunos.

Sabemos que este conhecimento é também construído em meio à sociedade, e que apenas uma parte tem maior domínio desse conhecimento. Nisto pode-se questionar: a escola realmente transmite conhecimento de maneira igualitária a todos seus alunos? Ou é apenas uma forma de camuflar a realidade de agir como reprodutora das desigualdades sociais? A respeito disso, Bourdieu (2007, p.41) pontua que

vê-se nas oportunidades de acesso ao ensino superior o resultado de uma seleção direta ou indireta que, ao longo da escolaridade, pesa com rigor desigual sobre os sujeitos das diferentes classes sociais. Um jovem da camada superior tem oitenta vezes mais chances de entrar na Universidade que o filho de um assalariado agrícola e quarenta vezes mais que um filho de operário, e suas chances são, ainda, duas vezes superiores às daquelas de um jovem de classe média.

A herança cultural familiar, segundo Bourdieu, torna-se um fator importante para o êxito ou fracasso escolar do aluno, pois a escola relaciona seus processos pedagógicos à herança cultural, transmitida no berço familiar. Consequentemente, mas não determinadamente, os estudantes que irão obter os melhores resultados ao longo da trajetória escolar, e nos níveis mais altos de escolarização, como o ensino superior, estão relativamente associados ao capital cultural transmitido pela família.

3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A pesquisa configura-se como uma importante fonte produtora de conhecimento, uma vez que esta atividade é desenvolvida de forma sistemática e planejada, com rigorosos critérios de procedimentos a fim de favorecer reflexões e análises acerca do objeto a ser pesquisado. Segundo Gil (2002, p. 17), a pesquisa é definida como:

[...] o procedimento racional e sistemático que tem como objetivo proporcionar respostas aos problemas que são propostos. A pesquisa é requerida quando não se dispõe de informação suficiente para responder ao problema, ou então quando a informação disponível se encontra em tal estado de desordem que não possa ser adequadamente relacionada ao problema.

Para a realização do trabalho de pesquisa, se faz necessário uma averiguação sistemática acerca do tema e do problema a serem abordados, com a finalidade de se obter uma melhor compreensão da realidade.

Dessa forma, deve-se constrói uma estrutura metodológica adequada visando-se a coleta de dados, a sua sistematização e análise para assim construir novos conhecimentos. Neste sentido, o conhecimento só se torna científico quando este é rigorosamente avaliado e sistematicamente elaborado de maneira metódica. Por isto, a metodologia possibilita a compreensão de quais caminhos devem ser percorridos para se alcançar os objetivos de pesquisa almejados. Assim sendo, podemos afirmar que a metodologia apresenta um conjunto de técnicas e métodos que possibilita a análise e a aprendizagem de novos conhecimentos diante de uma realidade. É o que afirma Oliveira (2008 p.43): “metodologia é um processo que engloba um conjunto de métodos e técnicas para ensinar, analisar, conhecer a realidade e produzir novos conhecimentos”. Nessa perspectiva a metodologia norteia a trajetória a ser seguida em uma pesquisa.

A presente pesquisa objetiva compreender como ocorre a influência cultural familiar no processo de formação dos estudantes do curso de pedagogia da UFCG, e visa, identificar os elementos que constituem o capital cultural familiar destes alunos. Desse modo, buscamos observar quais são os fatores de maior relevância da herança cultural familiar presentes na vida dos estudantes do referido curso e como tais fatores exercem influência no desempenho acadêmico desses estudantes.

Esta pesquisa caracteriza-se como uma investigação de abordagem qualitativa, que visa explicar o objeto de estudo em seu contexto, de modo planejado. Esse tipo de abordagem

exige do pesquisador maior clareza em relação ao objeto a ser pesquisado, a fim de que seja possível produzir um melhor diagnóstico da realidade estudada.

Desse modo, pode-se dizer que esse tipo de pesquisa se constitui como “um processo de reflexão e análise da realidade através da utilização de métodos e técnicas para compreensão detalhada do objeto em estudo em seu contexto histórico e/ou segundo sua estruturação” (OLIVEIRA, 2008, p.37). De acordo com essa visão, a pesquisa qualitativa tem por finalidade descrever a realidade, como também produzir e dispor de várias informações para auxiliar na apresentação e averiguação de teorias, hipótese e modelos pré-concebidos. Assim:

As abordagens qualitativas facilitam descrever a complexidade de problemas e hipóteses, bem como analisar a interação entre variáveis, compreender e classificar determinados processos sociais, oferecendo contribuições no processo de mudanças, criação ou formação de opiniões de determinados grupos e interpretação das particularidades dos comportamentos ou atitudes dos indivíduos (OLIVEIRA, 1999, apud OLIVEIRA, 2008, p. 59).

Considerando-se o que nos informa Oliveira, a metodologia adotada neste trabalho busca analisar, entender e esclarecer acerca das dificuldades e possibilidades que os alunos de classes populares vivenciam na sua trajetória acadêmica devido a sua herança cultural familiar, no seu ingresso à universidade no curso de pedagogia, bem como a sua permanência nesse curso.

A realização dessa pesquisa teve como sujeitos de estudo seis (6) estudantes do Curso de Pedagogia da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), campus de Cajazeiras, sendo três (3) no quarto, sexto e oitavo período do curso, e três (3) em fase de conclusão do curso cursando o nono período.

O instrumento de coleta de dados adotado é a entrevista, na modalidade semiestruturada, com perguntas relacionadas à temática abordada nesta pesquisa. A opção por esse instrumento deu-se por entendermos que a entrevista permite ao entrevistador obter melhores informações e assim produzir análises mais aprofundadas sobre o tema pesquisado. Sobre essa afirmação, de acordo com Oliveira (2008, p.86): “A entrevista é um excelente instrumento de pesquisa por permitir a interação entre pesquisador (a) e entrevistado (a) e a obtenção de descrições detalhadas sobre o que se está pesquisando”. Neste caso, acreditamos que a entrevista tende a favorecer uma ampla compreensão sobre o tema e o problema de estudo desta pesquisa.

Tratando-se da entrevista semiestruturada, esta aproxima-se mais do diálogo flexível de forma que oportuniza uma coleta de dados com maior precisão dos fatos abordado, pois é

através da conversa que permite uma maior interação entre o pesquisador e o pesquisado. De acordo com Fernandes (2003, p.113), “a conversa, o diálogo entre pesquisador e sujeitos da pesquisa, um processo satisfatório”, pois, irá permitir ao entrevistador (pesquisador) obter do entrevistado aspectos de maiores relevâncias. Uma das particularidades dessa modalidade é a utilização de um roteiro de perguntas antecipadamente elaboradas, o qual favorecerá uma melhor discricção e compreensão dos fatos.

Os dados coletados nesta pesquisa foram sistematizados e analisados de acordo com os referenciais da análise de conteúdo. Este tipo de análise consiste em um conjunto de técnicas que visa uma descrição sistemática qualitativa e objetiva do conteúdo trazido pelos dados coletados que possibilita análises aprofundadas, críticas e rigorosas a partir da interpretação da realidade estudada da qual torna-se possível interpretações dos significados guiadas pela comunicação entre emissor e receptor. Segundo Richardson (1985, p. 176):

A análise de conteúdo é um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter, através de procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam inferir conhecimentos relativos às condições de produção/ recepção (variáveis inferidas) dessas mensagens.

Em síntese, podemos entender a análise de conteúdo como um conjunto de ferramentas metodológicas que enriquece e amplia as possibilidades de produção do conhecimento em relação ao objeto estudado.

Para a obtenção dos dados, a entrevista foi gravada em áudio, a partir de solicitação por parte da entrevistadora e do consentimento dos sujeitos pesquisados. A data e o horário de realização das entrevistas foram agendados de acordo com a disponibilidade do entrevistado. Foi utilizado um gravador de voz para o registro. Em seguida as entrevistas foram transcritas e o seu conteúdo sistematizado e analisado.

Como forma de facilitar o processo de compreensão desse estudo e dos dados coletados na entrevista elaboramos um questionário para a caracterização dos perfis dos sujeitos da pesquisa. A pesquisa foi direcionada a seis (6) alunos do curso de pedagogia, sendo quatro (4) do sexo feminino, e dois (2) do sexo masculino com faixa etária entre 21 e 31 anos atribuímo-nos os seguintes nomes fictícios Benona, Rosinha, Dora, Margarida, Chicó e Eurico preservando a identidades dos sujeitos pesquisados.

Dentre os participantes do estudo, 04 residem atualmente na zona rural e 02 em zona urbana. A maioria é filho de agricultores, os pais tem grau de escolaridade que varia entre ensino fundamental incompleto e médio, com renda média de um salário mínimo, dentre os

entrevistados apenas uma aluna apresentou renda familiar superior a um salário mínimo. Em linhas gerais, podemos denominá-los como pertencentes às classes populares.

4. QUADRO DE ANÁLISES: AS INFLUÊNCIAS FAMILIARES NO DESEMPENHO DOS ALUNOS DO CURSO DE PEDAGOGIA

Neste capítulo, descrevemos as análises que elaboramos a partir dos dados coletados junto a estudantes do Curso de Pedagogia do CFP/UFMG, e das referências teóricas que fundamentam este trabalho de pesquisa. Assim, construímos o nosso discurso mediante os depoimentos dos sujeitos entrevistados, observando quais são os fatores de maior relevância da influência cultural familiar presentes na vida dos estudantes do referido curso e como tais fatores exercem influência no desempenho acadêmico desses estudantes.

Neste sentido, a partir das análises dos dados coletados com os (as) discentes pesquisados (as) este capítulo se encontra dividido em três tópicos: 1) O ingresso na universidade e no curso de pedagogia; 2) As dificuldades enfrentadas com relação ao acesso e a permanência no curso; 3) O capital cultural familiar e a aspiração ao ensino superior. Com base nesses elementos, procuramos elaborar um melhor debate das questões de pesquisa desse estudo na perspectiva dos alunos graduandos entrevistados a fim de alcançar os objetivos propostos e que guiaram a produção deste trabalho.

4.1 Ingresso na Universidade e no Curso de Pedagogia.

Com a finalidade de conhecer as concepções dos alunos entrevistados (a)s sobre os seus conhecimentos prévios acerca da universidade, ou seja, antes do seu ingresso como alunos dessa instituição, buscamos fazer perguntas que gerassem discursos nos quais os sujeitos pesquisados pudessem expor as suas concepções sobre o que seria estudar em uma universidade, como também sobre a procura e a escolha pelo curso de nível superior.

Dessa forma, iniciamos a entrevista indagando os alunos sobre o que era a universidade para estes antes de entrar no curso, ou seja, as suas concepções de universidade antes de se tornarem estudantes universitários. Dos seis entrevistados, uma delas, a estudante Benona, assumiu não ter conhecimento sobre o que realmente poderia ser uma universidade,

tanto em relação aos seus processos de ensino quanto a sua finalidade, de modo mais apropriado, da realidade que constitui o universo universitário. Benona nos disse o seguinte:

Eu não entendia muito bem, né, do que era porque até então eu não tinha entrado numa, né? Mas eu entendia que era uma instituição que eu tinha vontade de... de fazer, só que eu não tinha nenhum conhecimento prévio. Só o que a gente vê essas coisas de televisão e tal que num chega nem perto do que (risos) seja realmente, mas assim é.... o meu... o conhecimento que eu tinha é que era isso a instituição de ensino superior, que a gente estudava pra obter o diploma.

A entrevistada diz que não tinha nenhum conhecimento concreto sobre o que era a universidade, pois até então não tinha visto, visitado ou frequentado uma universidade, mas mesmo desconhecendo o ambiente universitário, tinha interesse em estudar nessa instituição. O seu conhecimento sobre a universidade era indireto, apenas por meio da televisão, afirmando ainda que o seu conhecimento resumia a universidade à instituição em que se estudava para obter um diploma. O depoimento de Benona nos leva a indagar sobre o fato de alunos, a exemplo da entrevistada, não conhecer o valor do processo de formação humana e profissional promovido pelo cursar o ensino superior, como também o significado de fazer um curso superior não apenas para obter um diploma, pois a aquisição de um diploma não significa efetivamente que o aluno tenha adquirido as aprendizagens correspondentes. O aprendizado constrói-se na constante ação ativa e reflexiva do sujeito estudante na busca por conhecimentos.

De acordo com as nossas observações, tem sido frequente vermos alunos frequentarem os espaços escolares apenas como uma forma de obter um diploma, como uma maneira de manter-se numa posição de status, sem se importar muito com a qualidade da sua formação. Talvez isso ajude-nos a entender o pensamento inicial de Benona. Todavia, é necessário ressaltar que ao ingressar em uma instituição de ensino, o fundamental é a busca pela produção de conhecimentos que, conseqüentemente, poderá se converter em possibilidades do indivíduo ascender socialmente, pois é através da educação escolar que os saberes e conhecimentos são apreendidos e reconhecidos pelo sujeito estudante, constituindo-se assim em capital cultural, certificado por meio de títulos e diplomas.

Bourdieu nos explica que a certificação escolar através dos títulos escolares configurados como o diploma é tentativa dos indivíduos legitimar a autoridade do capital cultural, e desse modo atuar no mundo social, sendo que o valor do diploma está relacionado ao capital cultural e ao capital social. Neste cenário o diploma tem o papel de certificar a

competência cultural, garantindo assim poderes para aqueles que o possuem. Assim argumenta esse sociólogo:

Com o diploma, essa certidão de competência cultural que confere ao seu portador um valor convencional, constante e juridicamente garantido no que diz respeito à cultura, a alquimia social produz uma forma de capital cultural que tem autonomia relativa em relação ao seu portador e até mesmo em relação ao capital cultural que ele possui, efetivamente, em um dado momento histórico. (BOURDIEU, 2007, p.78).

Neste contexto está incluído o capital cultural institucionalizado, de modo que o diploma representa a certificação do capital cultural atribuído pela instituição de ensino, garantindo ao seu detentor a legitimidade, habilidades e competências a fim de desempenhar tanto funções sociais como cargos profissionais.

Tal entendimento nos leva a pensar sobre a importância do aluno conhecer o ensino não apenas como a necessidade da obtenção de um diploma e sim como a busca do conhecimento. Neste caso, podemos dizer que existem alunos que em suas vivências não tem o conhecimento sobre o ensino superior como porta de acesso para uma cultura privilegiada, isto é, domínio de conhecimentos que os levam a acender não apenas à posse de diplomas, e sim, de saberes e conhecimentos valorizados pela sociedade que são legitimados e transmitidos na escola.

Para duas das entrevistadas (Rosinha e Margarida), a universidade era algo distante, fora de suas realidades, possibilidades, pois consideravam o ingresso restrito à poucos e desse modo apenas uma pequena parcela de indivíduos teria a oportunidade de cursar o ensino superior. A estudante Rosinha fez a seguinte afirmação:

Pra mim a universidade era um ponto de acesso muito restrito a poucos. [...] Eu não sei se porque, assim, porque na minha família nunca teve assim sabe... Ah! Meus pais sempre me influenciaram a estudar, sabe? Mas assim, nunca teve dentro da minha família alguém que tivesse formação, alguém que tivesse se formando.

A estudante enfatiza as desigualdades sociais refletidas no contexto escolar, e também a importância da família na formação escolar do indivíduo. Em seu depoimento evidencia o apoio dos pais com o incentivo para os estudos, entretanto pontua que na sua família não tem nenhum membro que tenha uma formação em curso superior, ou que estejam em processo de formação.

Tomando como base o depoimento da estudante percebemos a importância da participação e o papel da influência familiar no processo de escolarização. Pois, é no meio familiar que o sujeito tem acesso e maior domínio sobre os bens culturais.

A escola privilegia apenas uma parte da população, aquela que pertence aos estratos médios e altos da sociedade que, por si própria, já se encontra em situação de privilégio, dado que é esta camada que é a detentora do capital cultural valorizado pela e na escola. Nesta condição, a instituição escolar identifica-se como um espaço de receptividade e progresso do aluno que pertence aos estratos citados, e de outro modo, torna-se um ambiente de estranhamento para aqueles provenientes de classes sociais menos favorecidas, em razão de que estes estão imersos em realidades diferentes daquelas que o ambiente escolar apregoa e valoriza, seja em termos de hábitos, linguagens e vestimentas.

Sobre tal entendimento, Nogueira e Nogueira (2009, p. 79) nos explica, na perspectiva bourdieusiana, que

a escola dissimuladamente valoriza e exige dos alunos determinadas qualidades que são desigualmente distribuídas entre as classes sociais, notadamente, o capital cultural e uma certa naturalidade em trato com a cultura e o saber que apenas aqueles que foram desde a infância socializados na cultura legítima podem ter.

Assim, caberia refletirmos sobre quais as possibilidades dos alunos de classes desfavorecidas economicamente e socialmente superarem os problemas decorrentes da não coincidência entre os seus valores culturais e os valores culturais valorizados e propagados pela escola.

Em relação a tal questão, também é pertinente pensar sobre o sentido da democratização da educação. Neste caso, outro ponto que merece destaque é a necessidade de reflexão sobre o modo como esses alunos podem superar esses entraves e atingir os mais elevados níveis de escolaridade, a exemplo de fazer um curso de graduação numa universidade pública.

Sobre tais questões, os estudantes Chicó e Eurico ao apresentarem suas visões sobre o que era ou seria a universidade, destacam a democratização da educação e das práticas dos sujeitos escolares, a exemplo da relação professor e aluno. Em trechos da fala de Chicó, fica evidenciada a sua concepção acerca da universidade relatando a formação acadêmica como algo baseado no autoritarismo. Diz Chicó:

Bom, eu não imaginava a universidade ser esse espaço, é tão diferente, a concepção que eu tinha de universidade antes de chegar aqui era outra, eu nem imaginava que tinha essa relação de afetividade de professor-aluno, eu

imaginava que era o professor no seu canto, aquele professor autoritário, e aluno no seu canto estudando.

Na concepção de Chicó, o ambiente universitário seria mantido pela autoridade do professor sobre o aluno, sendo esse último apenas um ser que estuda. Essa perspectiva de educação nos remete ao seria a “educação bancária”, pensada por Paulo Freire, na qual o ensino é mantido pelo autoritarismo do professor, sendo esse aquele que detém o conhecimento, pensa e prescreve e o aluno sendo um ser passivo, que apenas recebe esse conhecimento sem que aconteça diálogo entre educador e educando.

A relação professor-aluno pode acontecer de forma dialógica e interativa como uma das condições do processo de aprendizagem humana, dado que o ato de ensinar pode ser entendido como uma atividade de interação social de forma comunicativa que admite mudanças nos sujeitos, permitindo a estes tornarem-se seres ativos mediante a sua realidade. Na visão apresentada pelo aluno entrevistado, o ensino superior seria vivenciado de forma autoritária, perpetuando a ideia de educação como uma relação entre quem sabe e pode e quem não sabe e não pode, inibindo as formas de expressão e comunicação do aluno, e o respeito à diversidade cultural. Nogueira e Nogueira (2002, p.29) descrevendo o pensamento de Bourdieu, pontuam:

Bourdieu compreende a relação de comunicação pedagógica (o ensino) como uma relação formalmente igualitária, que reproduz e legitima, no entanto, desigualdades anteriores. [...] Dito de outra forma, a rentabilidade de uma relação de comunicação pedagógica, ou seja, o grau em que ela é compreendida e assimilada pelos alunos, dependeria do grau em que os alunos dominam o código necessário à decifração dessa comunicação.

Entretanto, é fundamental que o professor e a ação pedagógica estejam em sintonia para que haja uma boa qualidade do ensinar, de forma que os alunos possam compreender os objetivos a serem aprendidos por estes durante o seu processo formativo a partir de conhecimentos que servirão de base para todas as dimensões e vivências sociais dos mesmos.

O estudante Eurico deixa explícito no seu pensamento que o espaço da vivência na universidade é algo sem grande importância, em que não precisaria estudar, e que nem tão pouco haveria experiências enriquecedoras. Este estudante assim se expressou:

Para mim era um lugar que não se estudava, eu enxergava a universidade desse jeito, porque quando a gente é adolescente, que a gente assiste muito filme, a gente vê aqueles filmes americanos que mostra a universidade de um jeito completamente diferente, não mostra a realidade brasileira e depois que eu entrei foi que eu vi que era outra coisa completamente diferente, a universidade para mim era apenas mais um ensino médio, só que...

avançado. Depois que eu entrei foi que eu percebi que era outra coisa completamente diferente, perpassava o que eu pensava. [...] aí no começo eu pensei muito em desistir, mas com o tempo foi que eu fui percebendo que realmente valia a pena.

E por que valia a pena? A visão de universidade para o aluno, antes era de um ambiente que não se estudava, pois seu conhecimento sobre a universidade baseava-se no que via nos filmes americanos, e nesses não era mostrada a realidade da universidade brasileira, embora na realidade americana não possamos afirmar que nesta não se ensina. Após o seu ingresso na universidade foi que o aluno passou a perceber a universidade como espaço um de estudo, entendendo-a como um lugar onde se ministrava um ensino médio avançado, ou seja, o professor sabia e ensinava e o aluno aprendia ouvindo-o. Assim, no início do curso o aluno não teve tanto interesse, apenas quando teve a oportunidade de conhecer o que realmente era estudar em uma universidade, é que percebeu a importância de estudar na universidade, vivenciando uma situação de estranhamento, referente à sua percepção anterior.

Nesta linha de pensamento faz-se necessário desmistificar a tese de que a universidade é um ambiente onde não se estuda, pois estaríamos assim retirando o papel do ensino como produtor de conhecimentos, como também um importante meio de divulgação e de acesso dos sujeitos no seu processo de formação intelectual e social. Entretanto, para aqueles que em suas vivências familiares não encontram um suporte que os mantenham engajados nos estudos, esses enfrentam grandes dificuldades em virtude de não serem vinculados a uma cultura privilegiada. Esses são problemas que tendem a ser vistos como motivos de desistência, e dos quais nem sempre se tenha consciência. Na entrevista, mediante a fala de Eurico, senti a necessidade de perguntar: por que você ia desistir? O mesmo afirmou que o principal motivo eram as suas condições econômicas que os fazia a buscar por trabalho. Assim diz em seu depoimento:

Por questão financeira, por questão, porque... Que assim, quando eu entrei aqui eu trabalhava, só que não era um trabalho fixo, era um contrato de município e contrato de município é hoje e não é amanhã, né? Aí eu pensei muito em desistir para começar a trabalhar [...], eu viajei para São Paulo e eu tentei assim, não voltar para cá, eu quase ficava lá.

O aluno enfatiza a falta de recursos financeiros com barreiras para seguir na trajetória do curso, como também a questão de trabalho como sendo parte do que dificultou o início de sua permanência, pois a princípio sua dificuldade era escolher o curso ou trabalhar.

É bem perceptível que as condições financeiras que os alunos enfrentam os levam a tomar decisões que nem sempre é desejo próprio, porém, são as circunstâncias que os obriga a

fazer tais escolhas. Como argumenta Dubet (2003 p, 37): “O problema das escolas e dos alunos ‘difíceis’ se impôs, em poucos anos, como o ponto no qual se focaliza o conjunto dos problemas sociais: periferias, desemprego, imigração delinquência, violência, abandono escolar”. Neste caso, podemos nos questionar sobre os índices de desistências nos cursos superiores derivados também devido às condições econômicas em que parte dos alunos vivem, e que muitas vezes é necessário escolher entre estudar e trabalhar. Esse é uma temática da qual podemos iniciar uma possível ação investigativa.

Outro conceito de Universidade foi apresentado pela entrevistada Dora, a mesma relata a Universidade como um sonho, uma meta, por isso acredita nos estudos como forma de crescer na vida. Nos disse Dora: “Era um sonho, uma meta, via todas as pessoas terminando os cursos e entrando na faculdade e a gente ficava dizendo: um dia eu vou terminar o ensino médio e eu também vou entrar em uma universidade e crescer na vida”. Na fala da estudante ficam claras as influências do meio social para as suas concepções sobre universidade. Como fala a estudante, a universidade “era um sonho”. Assim as experiências nutridas no convívio social tendem a influenciar também no âmbito escolar, e isso porque o indivíduo não se constrói sozinho, e sim, na relação com os seus pares.

O segundo questionamento posto aos sujeitos entrevistados foi qual o conceito destes sobre estudar em uma universidade. Analisando as respostas, obtivemos os seguintes resultados: para Benona e Rosinha, ambas deixam claro em suas falas que é de extrema importância cursar faculdade. A estudante Rosinha afirmou o seguinte: “Pra mim a Universidade ofereceu um leque de oportunidades e é de extrema importância na vida de uma pessoa, de qualquer indivíduo. Porque lá você aprende muita coisa, tanto pra sua vida pessoal como pra vida profissional”.

Dessa forma, pontuamos a relevância de se estar cursando a universidade, no âmbito geral, pois as contribuições e os conhecimentos apreendidos durante toda a etapa de processo de formação superior são indispensáveis à vida. Consequentemente, o domínio do capital cultural ofertado pelo ensino superior oportuniza ao sujeito a socialização e o crescimento pessoal e profissional. Como argumentam Cardoso e Lara (2009, p.1317),

o processo de socialização que a escola cumpre assume dois objetivos: preparar os alunos para o futuro ingresso no mercado de trabalho e formar o cidadão para sua intervenção na vida pública, emergindo daí as contradições internas que consagram a escola como reprodutora da arbitrariedade cultural.

Com base nessa afirmação, podemos dizer que o reconhecimento dos sujeitos em obter conquistas que venham legitimar a sua atuação no mundo social através da educação

reafirma também a autoridade do capital cultural legitimado pela escola, proveniente de uma cultura valorizada. A escola nega-se a pertencer ou a favorecer determinadas culturas, afirmando garantir a igualdade de direitos para todos, todavia, sabemos que existem culturas privilegiadas pela escola.

Para muitos estudantes, cursar uma faculdade tem sido uma coisa ímpar na vida do ser humano, ou seja, tem sido uma coisa rara chegar a ter ensino superior, sobretudo se for público. Deste modo, pode-se enfatizar o avanço no ingresso a essas instituições, pois há tempos atrás existia uma maior limitação para o indivíduo de classe social menos favorecida acessar à formação de nível superior. Todavia, mesmo assim não tem sido fácil esse acesso. Vejamos abaixo a fala do aluno Eurico.

Para mim o que significa estudar em uma universidade, hoje em dia, atualmente? Significa o poder máximo de uma pessoa que não tinha condições, há muitos anos atrás, principalmente na universidade pública, nas particulares nem tanto, porque existem muitas oportunidades. Agora para se entrar em faculdade particular, tem esses programas de financiamento, mas já em uma universidade pública, não. Eu digo assim: olha, quem estuda em Federal deve se considerar uma pessoa super, mega importante, porque não é qualquer pessoa que entra numa Federal, não. A concorrência hoje em dia tá muito grande.

Para Eurico, ser aluno de graduação e estudar em universidade pública federal é para ele algo de extremo valor, nos remetendo a pensar a educação como sendo democrática, capaz de inserir na escola as classes menos favorecidas. Contudo vale discutir sobre a luta de muitos jovens que buscam o ingresso no ensino superior e devido à concorrência elevada, principalmente para os cursos de maior valorização social, como Medicina e Direito, muitas vezes não têm obtido êxito. A universidade não é para qualquer um, nem é para todos.

No tocante à questão do significado de estudar na universidade, os estudantes Dora e Chicó relataram em seus depoimentos que cursar o ensino superior é um sonho, pois segundo eles, ter acesso ao nível de ensino superior é uma longa caminhada, acompanhada de dificuldades e aprendizagens, porém faz parte da vida do graduando, possibilitando ao mesmo sair preparado da faculdade para exercer a sua devida função docente. Assim diz Chicó:

Bom, para mim a primeira coisa é um sonho, porque eu não imaginava tomando posse desse espaço que é nosso, mas a gente vê uma coisa muito distante da nossa realidade, principalmente nós que viemos da zona rural, isso para nós é uma conquista, filho de pessoas pobres realmente é um sonho, um sonho que eu consegui chegar, consegui realizar.

Diante deste depoimento, podemos perceber que uma das dificuldades elencadas pelo aluno é a sua dupla condição social, que o faz pensar a universidade como um sonho que perpassa a sua realidade: ser pobre e ser da zona rural. Pode-se assim destacar o movimento de superação social por parte do aluno, levando-o a acreditar num sonho fora de sua realidade e que se materializou na oportunidade de conseguir adentrar na universidade e se perceber como um sujeito que tem o direito de estar ali, se apropriando daquele espaço que muitas vezes é negado aos seus parentes e vizinhos.

Mediante a sua afirmação, fiz o seguinte questionamento: por que você achava que a universidade era longe da sua realidade? Segundo seu depoimento, uma pessoa da zona rural não teria condições de arcar com os gastos, além de que as diferenças sociais e econômicas são fatores que prejudicam na passagem pelo Enem, reconhecendo a desigualdade no acesso ao ensino superior entre os seus iguais e os que são de classe social menos desfavorecida e a favorecida, que demonstra a seletividade e o sentido de privado que tem a universidade pública. Assim, diz:

Para mim, uma pessoa do campo não teria as condições de chegar aqui, porque nós sabemos que por mais que seja uma universidade pública, mas tem os gastos financeiros [...]. O Enem é um exame bastante seletivo e não tem essa história: “todos têm as mesmas igualdades”. Não, isso é uma mentira. Todos nós não temos as mesmas igualdades, nós temos condições financeiras diferentes, que isso prejudica no processo de ensino e aprendizagem, nós passamos por uma vida diferente, por um contexto histórico cultural diferente.

Nesta linha de pensamento, devemos considerar que para o aluno as condições sociais e econômicas interferem no processo de ensino aprendizagem. E que os exames avaliativos tendem a comprovar e manter essas diferenças de classe que são efetuadas no processo de ensino. Nesta perspectiva, devemos considerar o pensamento de Bourdieu, o qual, enfatiza que os exames seletivos consolidam as diferenças de classes dominantes e dominadas, pois, é através das avaliações como as provas e exames que os alunos de menor capital cultural valorizado tendem a sofrer com as consequências.

Deste modo, Nogueira e Nogueira (2009, p.83) afirmam que:

Bourdieu formulou a tese de que a avaliação escolar representa, antes de tudo, um mecanismo de transformação da herança cultural em capital escolar. E isso seria possível porque a avaliação docente iria muito além de mera verificação da aprendizagem dos conteúdos, constituindo-se, na prática, num verdadeiro “julgamento social”, baseando-se implicitamente e quase sempre de maneira inocente – na maior ou menor distância do aluno em relação às atitudes e comportamento valorizados pelas classes dominantes, em particular seu modo em relação com a cultura.

O sistema de ensino, por mais que se pronuncie como neutro se mantém contraditório porque em suas práticas pedagógicas prevalecem uma cultura dominante de modo que nem todos pertencem a essa mesma cultura. Assim, privilegia quem por sua própria cultura social de origem já encontra-se privilegiado.

Dessa forma, o processo avaliativo tem caráter classificatório, pois promove uma dada cultura, que apenas um número pequeno de alunos pertence a essa cultura valorizada pelo sistema de ensino. Segundo Nogueira e Nogueira (2009, p.36) “O sistema escolar cobraria dos estudantes, explícita ou implicitamente, uma série de atitudes, comportamentos e conhecimentos e um conjunto de habilidades linguísticas que apenas aqueles socializados na cultura dominante poderiam apresentar”. Assim, os alunos de condições sociais e econômicas desfavorecidas não têm as mesmas oportunidades, isso porque fatores familiares, sociais e financeiros interferem na probabilidade de êxito. Através destes procedimentos avaliativos, como o Enem, entre outros processos avaliativos e classificatórios, é possível dizer que a escola aproxima a cultura escolar à cultura familiar e social de determinada classe social. Por sua vez, parte dos alunos asseguram-se por meio de suas famílias e do meio social em que vivem, certo patrimônio cultural que a escola defende, e por esse motivo a escola atua também com reprodutora das desigualdades, transformando diferenças sociais e econômicas em competências escolares.

A estudante Margarida salientou que estudar na universidade significa o estudante sair preparado para exercer uma determinada profissão, com uma base preparatória que subsidiará fortemente a sua prática e atitudes a serem desenvolvidas no ambiente de trabalho em qualquer campo de atuação profissional. Nesse sentido, colocou:

É você se preparar para uma profissão, se preparar ainda mais para você ocupar um posto profissional, não só na questão da educação, mas na questão também que você... tipo: eu vou formar a questão quê... o projeto auto formação aqui na universidade, vem na questão técnica, humana, vai trabalhar o lado humano.

Ou seja, a perspectiva de universidade para Margarida é importante para a questão profissional e pessoal do ser humano no âmbito geral, assim também cita a autoformação como principal elemento nos processos formativos, sendo este um dos principais componentes presentes na base curricular para a formação dos profissionais. Isto é, a universidade além de propiciar certa formação humana e profissional, ainda forma o indivíduo para manter o seu processo formativo, a sua atualização, por meio da autoformação.

A terceira pergunta colocada para os estudantes abordou o entendimento dos entrevistados sobre o que era curso de Pedagogia antes de entrar na universidade. Dos sujeitos pesquisados dois afirmam que o curso era visto como desvalorizado. Benona fez a seguinte consideração:

Muitas pessoas falavam: “O curso de Pedagogia é a mesma coisa do Pedagógico”. E eu achava que era também, que era como se fosse o normal médio. [...] Eu sabia e tudo, que não tem tanto... não é tão valorizado, né, quanto às outras áreas. Mas eu percebi que era onde eu me encaixava. [...] a valorização é... eu falo assim no financeiro, né? Na remuneração.

Para o contexto social da aluna, o curso de Pedagogia seria tratado como o curso de Magistério, o curso Normal, ou seja, em nível de ensino médio. Na visão da aluna o curso também não tinha tanto valor no mercado de trabalho, sendo financeiro e socialmente desprestigiado, mas, mesmo assim, para essa estudante era o curso no qual se encaixava. Nesse curso se percebe que há muitos alunos que puderam, apenas, escolher o curso de Pedagogia para cursar, sendo uma escolha ditada pelas condições culturais e econômicas da sua família por ser menos difícil a entrada e a permanência e requerer menos gastos.

Dessa forma, conceber o curso de Pedagogia como desvalorizado torna-se insatisfatória a busca pela realização profissional, a não ser que haja motivos humanitários ou ideológicos, ou um processo de identificação com o curso após o ingresso e o entendimento do que seja o curso, ou a educação. Ocorre assim uma dicotomia entre cursos superiores de maior ou menor relevância social. Em geral, são inúmeros fatores que contribuem para a desvalorização da profissão docente no âmbito geral, e entre esses a depreciação da classe trabalhadora, em que se encontra a questão de remuneração salarial, ou seja, salários baixos, e o não reconhecimento dos direitos dos professores no sentido econômico e social.

Em virtude disso, o curso de pedagogia torna-se um curso de menor prestígio na sociedade, sendo que a sua validade está associada ao maior fator de dificuldade profissional, no caso, as condições financeiras, ocasionando menor interesse do sujeito pela profissão de pedagogo.

Como podemos ver as questões econômicas relacionadas às profissões interferem na valorização dos cursos, pois a remuneração salarial torna-se um elemento classificatório no que se refere ao maior ou menor prestígio do curso. Evidencia-se assim que a autoridade, tanto do capital cultural como do capital econômico, advém da cultura dominante. Assim sendo, os cursos que se mantêm como maior status são aqueles que têm maior valor econômico em termos de remuneração dos profissionais que neles se formam.

Entre os sujeitos entrevistados também nos deparamos com outras informações importantes sobre a terceira questão: Para a estudante Margarida e o estudante Eurico o curso de pedagogia tratava-se de um curso direcionado apenas para ensinar a crianças, como se o ensino a crianças fosse algo menor. Nesse aspecto, compreendem o curso de Pedagogia como algo irrelevante que se resumiria a recortar figuras como atividade profissional docente. Assim diz Margarida:

Só preparar uma professora para ensinar numa sala de aula para crianças. Aí a gente quando chega aqui vê que não é só isso, o curso de Pedagogia é um curso abrangente, né? Não é só ir para dentro da sala de aula e recortar figurinhas, como muitos insinuam por aí. Há várias áreas.

Percebemos que a visão que muitos têm atualmente sobre o curso de pedagogia precisa ser reavaliada, com o intuito de repensar sobre a verdadeira atuação do professor pedagogo, de modo a compreender a formação docente como uma ação que contribui com importantes conhecimentos na formação humana e social dos sujeitos.

É importante destacar que o campo de formação do pedagogo permite que este profissional trabalhe em diversas instituições que trabalham ou requerem práticas educativas, não se restringindo apenas em estar em sala de aula, embora seja necessário reconhecer a importância do trabalho escolar. Nos últimos anos, a área de atuação do pedagogo tem sido bastante expandida, cabendo aos cursos formativos propiciar habilidades e clareza sobre as funções educacionais do professor a fim de garantir o sucesso educacional dos sujeitos estudantes.

Outro entendimento foi levantado pelo estudante Chicó sobre o curso de Pedagogia, o mesmo declara que antes de conhecer o curso, tinha um pensamento desprovido que o limitava a ser professor de educação básica, sem maiores crescimentos na área da educação. Assim relatou:

O Curso de Pedagogia era aquele que limitava o sujeito à docência... eu tinha um pensamento muito pobre, posso dizer [...]. Eu não imaginava que tinha especialização, mestrado, doutorado, pós-doutorado, não. Para mim era graduação, se formou, pronto, já tenho o meu diploma, agora vou para a escola. O curso de Pedagogia para mim era isso, era estudar para ser professor da educação básica.

Ressaltamos da fala do estudante entrevistado a visão deste sobre ser professor de educação básica como algo de menor importância profissional. Neste sentido, consideramos ser necessário rever tal conceito, uma vez que ser professor das séries iniciais é de extrema importância para a edificação de uma boa educação, pois os anos iniciais de escolarização é a

base que subsidia todo o processo formativo do sujeito e para isso é preciso que o professor seja bem qualificado para ensinar de forma compromissada e competente, dispondo de capacidades para um ensino de qualidade, tendo o propósito em obter sucesso na educação inicial dos seus alunos.

Nessa perspectiva o curso de pedagogia para o estudante Chicó não ia lhe proporcionar maiores rendimentos acadêmicos em termos de conhecimento e especializações. É importante frisar a partir da conclusão de determinado curso é extremamente importante buscar a elevação da sua formação acadêmica, ou seja, sendo a graduação o início de novas possibilidades de crescimento profissional, pessoal e cultural, há a necessidade e a possibilidade da pós-graduação.

O momento da pós-graduação é possibilidade para buscarmos diversas aprendizagens que nos edificam, que faz com que possamos ser sujeitos autônomos e contribuir para as lutas sociais, políticas, econômicas da sociedade, é melhorar em termos de ascensão profissional e social. É quando despertamos para o fato de que somos seres em permanente e contínuo desenvolvimento, uma vez que o aperfeiçoar-se é parte integrante da formação docente na qual o estudante deve sempre buscar mais saberes a fim de melhor contribuir para o seu preparo para ser um bom profissional, qualificado para atender as demandas educacionais e sociais.

A estudante Dora cita em sua fala que não tinha conhecimento algum e nem interesse sobre o curso de Pedagogia, apesar de estar lecionando tendo como formação acadêmica o curso de magistério, em nível médio. Conforme demonstra no seu depoimento:

Eu não tinha nenhum interesse em pedagogia, eu já ensinava, eu tinha o normal médio, mas não tinha uma... uma vontade de fazer pedagogia e fazia o curso de ciências, não gostava.

Podemos dizer que a estudante, por não ter conhecimento do curso de Pedagogia, apesar de ter feito o curso de Magistério, de nível médio, também não tinha interesse em cursar pedagogia. Isto nos leva a pensar que para alguns professores, imersos nas atividades de ensino com base numa formação mínima necessária, não sentem a necessidade e não tem o interesse em se aprofundar nos estudos que melhor lhe preparariam. Talvez isto tenha explicação na questão da remuneração, pois em algumas prefeituras parece que a formação em nível de graduação e de pós-graduação não altera de modo sério o ganho salarial e nem a progressão na carreira profissional, o que é possível que desestimule o docente.

A quarta questão colocada para os entrevistados foi sobre o que os levou a procurar o curso de Pedagogia. Nosso intuito foi conhecer as influências, interesses e valores que demarcaram a opção por esse curso. As respostas dos estudantes anunciam diferenciados elementos que pesaram para que fizessem tal opção, escolha. Para a estudante Benona, a procura pelo curso se deu pela importância atribuída ao curso oferece, pois a educação acompanha sua trajetória de vida. Assim, disse:

A educação me persegue, a educação me persegue (risos). Aí eu... eu... me indagava assim: já que me persegue, vamos entrar, né, na área. E quando eu pesquisei, é realmente o curso que forma os profissionais da educação, seja em qual área for, né? É importante Pedagogia, assim, o conhecimento que o curso traz pra você em qualquer área da educação.

Um componente de destaque na fala de Benona é o reconhecimento e a importância atribuídos à educação, considerando o curso de pedagogia como uma ação mediadora na elaboração e transmissão de conhecimentos. Nessa perspectiva, a sua busca pelo curso fundamentou-se nas possibilidades de aquisição de novos conhecimentos, e dos valores humanos significativos trabalhados no curso. Entendemos que esses são fatores primordiais para o desenvolvimento e a qualidade da prática educativa se realizada por indivíduos comprometidos com a sua formação profissional conquistada com a aquisição de novos conhecimentos. Desse modo, cabe-nos pensar a educação e a pedagogia como importantes instrumentos capazes de propiciar a atuação do indivíduo no exercício da cidadania.

Para a estudante Rosinha e o estudante Eurico a opção pelo curso de Pedagogia não se caracteriza como uma opção, pois a escolha foi por falta de alternativa. A princípio o curso não lhes despertava interesse, mas a nota obtida pelo Enem e o horário do curso era mais compatível ao seu acesso à universidade. Diz Eurico: “porque não tinha outro curso que me interessasse no horário da noite, que era o único horário que eu podia, que pela manhã eu estava trabalhando, aí eu coloquei para Pedagogia e também minha nota de corte nessa época, do Enem, foi muito baixa”. Nota-se que Eurico optou pelo curso de pedagogia não exatamente por escolha própria, mas sim pelas possibilidades que lhe eram oferecidas, no momento da sua escolha, pois haviam os condicionantes, tais como questões de trabalho e a pontuação no exame seletivo, elementos que o impediam de optar por outro curso.

Um fator considerável a avaliar nas escolhas profissionais desses sujeitos diz respeito às suas oportunidades e possibilidades condicionadas pelas suas condições sociais e econômicas, e mesmo relacionadas com o quadro de oferta de vagas para o ingresso na universidade, pois muitas vezes a escolha do curso pelos estudantes resulta dessa oferta. Tal

fato nos ajuda a refletir sobre as preferências profissionais, a escolha do curso superior e o sucesso escolar relacionando não ao dom, mas sim, às condições sociais, econômicas e culturais do indivíduo.

Nisto, é necessário considerar o poder da origem familiar e social sobre os rumos escolares em que os alunos são encaminhados a seguir determinados cursos e neles permanecerem, não apenas por opções puramente individuais, mas em consonância com outras condições. Segundo Nogueira e Nogueira (2009, p.13), sucede “reconhecer que o desempenho escolar não dependia, tão simplesmente, dos dons individuais, mas dá origem social dos alunos (classe, etnia, sexo, local de moradia e etc.)”. Mostram-se assim como a origem social e geográfica, questões de gêneros e etnia dos alunos exercem influência nas trajetórias estudantis desde os primeiros anos escolares até o ingresso nos cursos superiores.

Para a estudante Margarida e o estudante Chicó a opção pelo curso de pedagogia ocorreu por ser uma escolha pessoal, ou seja, por vontade própria de ser profissional docente. Como ilustra a resposta de Chicó:

Sempre quis Pedagogia, mas eu fiz meu primeiro Enem, aí eu conversei com uma amiga minha que ela é formada em Letras, hoje. Aí ela disse: “Chicó, tu quer o quê?” Eu disse: Eu quero, acho que eu tô pensando em Pedagogia [...]. Ela: “Pedagogia é um curso tão pobre, não estuda, não faz nada, não tem futuro ser Pedagogo, não”. Mas mesmo assim eu queria, mas eu fiquei com vergonha, eu não dizia a ninguém que eu queria ser Pedagogo, ninguém. Aí no terceiro ano teve a feira das profissões na escola, aí eu disse: “Eu não vou colocar Pedagogo na minha farda, só eu aqui, todo mundo colocando Direito, Medicina...”

Na fala de Chicó fica evidenciado a sua escolha pessoal pelo curso de Pedagogia desde cedo, o que nos leva a entender que o seu desejo era atuar como professor, talvez de crianças, pois essa tem sido a especialidade da área da pedagogia. Embora a sua escolha lhe causasse constrangimento, pois em seu depoimento fica comprovado a desvalorização que o meio social tem atribuído à docência, de modo específico, a do pedagogo, é isso que ele afirma ao se referir ao seu ciclo de amizades e à percepção que este apresentava a respeito do profissional formado pelo curso de pedagogia.

Por esse motivo, esse estudante teve dificuldades em aceitar a sua escolha e de admitir publicamente o seu desejo de cursar Pedagogia, fazendo a sua escolha ser motivo de vergonha. Isso porque em seu convívio social a profissão de pedagogo era visto como uma profissão de menor valorização social. Esse entendimento equivocado implica na desclassificação e rejeição do curso, além de demonstrar uma postura discriminatória em relação a este curso de formação de professores.

Percebe-se assim a influência do capital social nas escolhas profissionais, sendo que este pode influenciar tanto de forma positiva ou negativa. É também visível a força exercida pelo capital econômico como um componente favorável às profissões de maior prestígio e destaque social, tais como o Direito e a Medicina que por serem cursos social e economicamente mais valorizados, são também profissões bastante almejadas e disputadas quando do ingresso no ensino superior. Compreendemos assim a forte influência da família e do meio social exercida nas escolhas profissionais dos seus membros. No entanto, não podemos afirmar que tal influência seja um fator determinante, mas é bem perceptível que jovens estudantes sejam influenciados, estimulados e encorajados para seguir carreiras mais rentáveis no mercado de trabalho e de maior destaque social.

A estudante Dora nos relatou que a sua escolha foi exclusivamente por questões de trabalho, pois já atuava como professora de educação infantil, e fazer o curso de Pedagogia seria uma forma de ampliação do seu campo profissional, e nesse curso poderia conciliar o seu trabalho e os seus estudos. Dora afirma:

Como eu já tava ensinando na educação infantil, então era um complemento, que na verdade era a minha formação acadêmica opcional pra poder melhorar. Então assim, o que me levou mesmo foi a questão do trabalho.

Podemos perceber que Dora decidiu fazer o curso de Pedagogia para melhorar a qualidade do seu trabalho. É necessário que o profissional docente busque para si uma formação acadêmica sólida, com novos conhecimentos, para melhorar a qualidade do seu trabalho, pois uma boa formação será fundamental para o sucesso do seu desempenho docente na sala de aula.

Com o intuito de aliar os seus estudos às suas necessidades de trabalho, cada vez mais os trabalhadores de modo geral, e em especial, os jovens estão buscando novos conhecimentos a fim de melhorar a sua vida profissional, adequando processos de formação e de desenvolvimento às suas necessidades profissionais, visando garantir um presente produtivo e satisfatório e um futuro melhor.

4.2. As dificuldades enfrentadas no acesso e na permanência no Curso de Pedagogia

Sabemos que as desigualdades sociais refletem no âmbito educacional. Desse modo surgem inúmeros obstáculos ao longo do percurso escolar. Portanto, neste tópico, buscamos conhecer a forma como ocorreu o acesso e como está acontecendo a permanência dos alunos

no curso de Pedagogia do CFP/UFCG. Para isso, procuramos informações junto aos alunos que entrevistamos no que se refere às principais dificuldades que enfrentaram para ingressar e enfrentam para permanecer nesse curso.

A este respeito, a quinta questão da entrevista tratou do processo de entrada e de permanência desses sujeitos na universidade. Os entrevistados relataram ter ingressado na universidade através do Enem e evidenciaram que a questão financeira foi a principal causa a dificultar a sua permanência no curso. Como enfatiza Benona:

Agora assim, a permanência só foi possível porque eu me inscrevi pro REUNI e... e fui aprovada desde o primeiro período. Se eu não tivesse esse auxílio do REUNI, auxílio financeiro, eu não teria permanecido. Não teria, de jeito..., por mais vontade que eu tivesse, mas não tinha condições financeiras, né?

Perante esse depoimento da estudante, fica evidente que a sua permanência no curso se deveu à bolsa estudantil do REUNI. Mesmo afirmando o seu desejo de continuar os estudos no curso superior, as suas condições financeiras a impediriam. Neste sentido, percebemos que as condições financeiras em que os estudantes se encontram interferem na sua trajetória escolar, principalmente tratando-se de nível superior. Desse modo, a posse do capital econômico é de imensa importância para a permanência no curso, pois esta requer gastos e investimentos. Neste sentido, é considerável destacar a relevância dos programas governamentais como grande incentivo e colaboração para os estudantes de classes populares que através desses programas tem melhores condições de permanecer na educação de nível superior.

Sobre esse assunto, o discurso da estudante Margarida nos remete às dificuldades enfrentadas no curso devido à falta de recursos financeiros, intensificando a importância da “ajuda” financeira ofertada pelo governo federal. Assim, enfatiza Margarida:

O processo de permanência se dá graças à bolsa REUNI que nos ajuda bastante[...]. Primeiro, a minha força de vontade, mas eu não posso deixar de lado a bolsa que eu recebo da universidade, né? Porque é ela que de todo jeito me ajuda na permanência.

O discurso da estudante nos mostra que não podemos tratar apenas do interesse pessoal e do desejo do aluno em continuar estudando na universidade após o seu ingresso, mas sim entender que muitas vezes as questões econômicas interferem decididamente no percurso escolar. Essa questão é salientada também pelo estudante Chicó. Diz ele:

Eu posso dizer que o processo de permanência está sendo mais difícil. [...] Primeiro porque você necessita de material para estudar, os livros não são

tão acessíveis, a biblioteca não tem um acervo tão abrangente de livros, a questão de comida, você tem sua bolsa, aí você tem que pagar aluguel e sua bolsa não dá para você pagar aluguel e se alimentar, e se você já tem uma bolsa, você não pode R.U, ou então a sua bolsa vai ter que suprir todas as suas necessidades. Se você tiver só o REUNI... Eu já passei por momentos que não estava dando mais a questão financeira, estava tudo muito caro, eu estava sem condição e eu pensei em desistir mesmo e aí eu fui tentando enrolar com a barriga, me virando, mas a principal questão da permanência na universidade eu acredito que é o fator econômico mesmo

Fica explícito na fala do aluno que a sua continuação no curso decorreu com grandes dificuldades devido às questões econômicas, ressaltando que as maiores dificuldades dos alunos de classes populares são arcar com os gastos com livros e apostilhas exigidos no processo de formação docente. No caso da universidade pública, a falta de materiais didáticos, no caso específico, livros tornam precário o acesso dos estudantes ao material solicitado pelos professores, pois não são todos disponíveis na biblioteca universitária. Esta tem dificuldade para ampliar e atualizar o acervo, dificultando o processo de aprendizagem do aluno, além de que as despesas com alimentação no turno de estudos, com moradia e com fotocópias de textos são também elementos a prejudicar a continuidade e a qualidade dos estudos no curso.

Neste caso, as bolsas de assistência estudantil, como é o caso do REUNI, torna-se um principal apoio financeiro para que muitos alunos garantam as condições básicas para permanecer no ensino superior. Assim se faz necessária uma ampliação das políticas públicas voltadas para o campo educacional com o objetivo de oferecer oportunidades efetivas para a permanência na educação superior dos alunos menos favorecidos economicamente.

As dificuldades enfrentadas por alguns alunos para permanecerem e concluir seu curso universitário, na maioria das vezes, decorrem das desigualdades sociais, de maneira que muitos alunos em seu contexto familiar e social não têm o suporte necessário para enfrentar os desafios discentes encontrados no sistema de ensino. Com referência à sociologia bourdiesiana, Bonamino, Alves e Franco (2010, p 488) argumentam que:

Bourdieu desvenda a seletividade educacional que elimina e marginaliza os alunos oriundos das classes populares, enquanto privilegia os alunos mais dotados de capital econômico, cultural e social, contribuindo assim para a reprodução, de geração em geração, dos capitais acumulados.

Bourdieu foi um dos principais teóricos a criticar e questionar a elitização da educação e seu processo de reprodução da estrutura desigual da sociedade. A partir dos seus estudos, passou-se a pensar nas desigualdades escolares no Brasil da década de 1970, apontado como uma das formas de exclusão social apresentada pelo sistema escolar. Segundo este sociólogo,

a escola exige dos seus alunos certo domínio, habilidades e conhecimentos que estão relacionadas com as condições socioeconômicas e culturais de determinados grupos sociais que ocupam lugar privilegiado na estrutura social. Portanto, a escola estaria assim atuando em benefício dos alunos que por suas próprias experiências familiares, sociais, econômicas e culturais já encontram-se beneficiados por pertencerem a esta cultura valorizada.

A escola como intuição formadora da sociedade valoriza a cultura dominante produzida pela elite dominante, pois sabemos que a maior parte do patrimônio cultural atribuídos a todos está em domínio de uma minoria. Por conseguinte, ocasiona inúmeras decorrências, como as dificuldades de acesso e permanência dos estudantes nos espaços universitários, especialmente para os indivíduos que estão inseridos em meio familiar com poucos recursos financeiros.

No decorrer da discussão sobre o processo de entrada e permanência na universidade surgiram diversas questões que, segundo os sujeitos pesquisados, dificultam a continuidade dos estudos no curso. Assim foi mencionando dificuldades com relação aos conteúdos. Eurico nos falou que:

A permanência foi difícil no início, foi muito difícil, [...] Em sua grande maioria e principalmente nos cursos da área de (pode dizer?) na área da filosofia e da sociologia. Porque assim, eu vejo muito sem sentido um curso de pedagogia e logo de início ter uma sociologia e uma filosofia tão aprofundada. Alguns alunos da minha turma desistiram devido a isso, devido ao curso de sociologia, as cadeiras de sociologia e filosofia por que é uma área muito aprofundada [...]. Dá de cara com um monte de disciplina que nunca viu, coisa que nem nunca ouviu falar de uma vez só, é difícil, muito complicado isso. É o que leva às vezes a maioria à desistência logo no início do curso.

Neste contexto, o aluno elenca as dificuldades decorrentes da ausência de domínio e habilidades prévias em relação aos conteúdos do ensino universitário, como é o caso da sociologia e da filosofia destacando, até mesmo, tais conteúdos como “sem sentido”. Essas disciplinas são consideradas complexas e de difícil compreensão por parte do aluno, interferindo no rendimento acadêmico deste, o que pode ser compreendido como o que Bourdieu denomina de “déficit de capital cultural”, ou seja, a ausência de saberes de base, prévios e necessários. Muitos estudantes ao ingressarem no universo acadêmico se deparam com um discurso estranho à sua linguagem e à sua realidade cultural, bem como ao seu histórico de estudos. Assim, ao iniciarem o curso superior não sentem-se preparados para lidar com a quantidade de leituras, como também para se apropriarem dos conteúdos trabalhados durante as atividades universitárias.

A estudante Dora relatou o seguinte: “Como já vinha de outro curso, não tive dificuldade para permanecer, me adaptei rápido”. Para a aluna, a sua adaptação foi rápida, destacando que vinda de outro curso superior, não encontrar dificuldades de permanecer e se adaptar no espaço universitário. No caso, possivelmente essa aluna previamente dispunha de capital cultural herdado da sua família e/ou do seu meio social, ou ter adquirido de modo satisfatório, no outro curso, algum capital cultural importante para a sua adaptação e permanência no curso de Pedagogia. Quando a presença de valores já tenha sido incorporada nas experiências cotidianas, conseqüente irá facilitar o desenvolvimento do aluno no contexto universitário. Desse modo, ao chegar na universidade o educando se depara com um ambiente que já lhe é familiar, então a instituição de ensino será uma espécie de conversão e extensão de suas vivências, e com isso, melhor contribuirá para o sucesso do indivíduo no curso universitário.

Outro tópico destacado na fala dos alunos entrevistados quanto à permanência foi a possibilidade do curso oferecer desenvolvimento pessoal, possibilitando ao aluno, a partir de saberes e conhecimentos trabalhados no curso, estabelecer metas plausíveis e realistas para a sua vida. Neste sentido, a estudante Rosinha nos explicou o seguinte:

A minha permanência foi melhor porque depois que eu adentrei à faculdade, eu tive a oportunidade de conhecer o curso [...]. Eu tive a oportunidade de saber o que eu quero para minha vida porque até então eu não sabia o que eu queria da minha vida.

Dessa forma, o acesso ao curso superior proporciona novas oportunidades para que o aluno possa se organizar e organizar a sua vida e assim buscar melhoras para a qualidade de vida social, cultural e profissional, construindo algumas condições para tornar-se um cidadão produtivo e crítico da sua realidade, e desse modo construir processos de interação social em benefícios da sociedade na qual está inserido.

4.3 Capital cultural familiar e aspiração ao ensino superior

Neste tópico abordaremos a influência do cultural familiar no ensino superior, em especial, no caso de alunos do curso de pedagogia da UFCG. Como já vimos anteriormente, a família desempenha um papel importante na formação humana e acadêmica dos indivíduos. Portanto, a sexta questão colocada aos estudantes entrevistados diz respeito a família ter influenciado na decisão de cursar pedagogia. Nas respostas a esta pergunta, dos seis alunos

pesquisados, dois afirmam não ter sofrido influência da família e quatro apontam a família como grande incentivadora. Primeiro iremos apresentar as respostas dos estudantes que afirmam ter recebido influência da família. A estudante Rosinha nos disse o seguinte:

Sim! Quando eu disse que tinha passado! até pelos meus fracassos anteriormente. Eles foram os meus principais incentivadores até por... por causa que eles não tiveram acesso à educação, né? Mãe nem cursou o ensino fundamental[...]. Pai, ele estudou 06 meses. Acho que um dos motivos por eles me incentivaram tanto a mim e meu irmão estudar e cursar uma universidade pra ser alguém melhor na vida. Meu pai agricultor, minha mãe dona de casa, agricultora também. Eles queriam um futuro melhor pra mim, né?

Observa-se que na fala de Rosinha a influência da família ocorreu não exatamente na decisão da escolha pelo curso, mas sim, na forma de incentivos e apoio dados para que a estudante o seu irmão estudassem. Para Rosinha, os seus pais sempre foram os principais incentivadores, embora não tivessem tido acesso aos estudos escolares num nível elevado, tal fato lhe serviu de motivação para incentivar os seus filhos a estudarem, pois os estudos, para seus pais, são considerados um bem valioso por ser algo que possibilita o desenvolvimento da pessoa, isto é, os estudos criam melhores condições de sobrevivência e faz a pessoa se tornar gente, “ser alguém melhor na vida”. Sendo assim, as afirmações de Rosinha nos fazem pensar que o capital cultural herdado no contexto familiar, no caso, a valorização dos estudos dos filhos pelos pais, ainda que não objetivado em diplomas para si, é uma importante peça a favorecer o sucesso escolar dos seus filhos, e desse modo, nos possibilita discutir a complexidade da carência do capital cultural nas classes populares.

Quanto a isso, as classes populares, das quais fazem parte as famílias de agricultores que, muitas vezes, tem baixo nível de escolaridade, ou até mesmo nenhuma escolaridade, deparam-se com as desigualdades sociais também diante do ambiente escolar e projetam para os filhos a superação de tal desigualdade. Contudo, é importante lembrar que todas as classes sociais possuem certo capital cultural, embora não haja o reconhecimento social desse capital quando este pertence às classes populares. Dessa forma, os grupos de maior poder aquisitivo, denominadas como classe média e alta, encontram-se em situação privilegiada, pois tendo capital econômico e sendo o seu capital cultural legitimado e valorizado na escola, as suas chances de ter sucesso e progredir nas carreiras mais rentáveis e de maior status social são bem maiores, como salienta Fernandes (2005).

Neste sentido, a herança cultural familiar exerce influência direta e indireta no percurso escolar, como também no sucesso e no fracasso dos seus filhos. A esse respeito Bourdieu (2007 p. 41-42) nos diz,

cada família transmite a seus filhos, mais por vias indiretas que diretas, um certo capital cultural e um certo ethos, sistema de valores implícitos e profundamente interiorizado, que contribui para definir, entre outras coisas, as atitudes face ao capital cultural e à instituição escola. A herança cultural que difere sob dois aspectos, segundo as classes sociais, é a responsável pela diferença inicial das crianças diante da experiência escolar e, conseqüentemente pelas taxas de êxito.

Em tal contexto, a família como primeira instituição socializadora é responsável por transmitir aos seus descendentes as noções de valores, conceitos, desejos e perspectivas de transformações, além de alicerçar o percurso escolar dos seus membros, ou seja, a família tem grande influência nas trajetórias escolares e profissionais dos seus filhos.

Ainda sobre essa questão, apresentamos as respostas dos alunos que afirmam não ter recebido nenhuma influência da família na escolha pelo curso. Assim, foi possível perceber que a ausência e o incentivo da família na trajetória dos alunos do curso de pedagogia foram bastante conflituosos a tal maneira de dificultar na decisão de cursar o ensino superior. Na sua fala, Benona declarou não ter tido influência familiar para seguir os estudos em nível superior. Do contrário, para ela, seguir os estudos foi motivo de enfretamento com família. Assim, pontuou Benona:

Não. De jeito nenhum. Assim, a família do meu esposo não queria de jeito nenhum, o apoio foi zero. No início, porque disseram que “o diploma eu já tinha, que era a menina”. Por eles, nem o ensino médio eu teria terminado, eu enfrentei eles pra terminar o ensino médio e acho que foi sete anos depois, enfrentei pra fazer o curso superior.

No caso de Benona, a luta para estudar se deu com a família do seu marido, desde o ensino médio até o ensino superior, pois conforme compreendemos, para tal família, na sua condição de mulher, o destino seria ser mãe, sendo o filho, o diploma. Este é um pensamento arraigado num machismo arcaico, mas também tem motivação social, pois para a mulher pobre, ser mãe e cuidar da casa, do marido e dos filhos seria a destinação certa. Esse conflito muitas vezes pode acarretar no aluno a desmotivação e interesse pelo aprendizado escolar, muito embora não seja um fator determinante, como o demonstra a entrevistada.

O estudante Eurico afirma que ao invés da família influenciar na sua decisão de cursar pedagogia, no início os seus pais o incentivaram a desistir do curso. Assim diz:

Não, nem um pouco. Pelo contrário, no início eles queriam que eu desistisse, achavam por que, assim, devido ser, é... Minha família, foi meu pai, minha mãe é, são família de agricultor, da roça, aí não tem aquele costume de chegar ao ensino superior, é tanto que eu sou o único de toda a família [...]. Imaginavam que eu não ia conseguir é, dar de conta de uma Universidade. Por que não ia ter tempo, porque não ia ter dinheiro para manter as necessidades que realmente tem suas necessidades, mesmo sendo universidade pública.

É possível perceber na fala do aluno que a falta de condições financeiras e culturais da sua família tornaram-se argumentos para a sua desistência do curso superior. Isso em virtude dos seus pais não se sentirem preparados para os gastos exigidos pela universidade. Por outro lado, por não acharem que o seu filho, pobre e criado na roça, não teria as condições necessárias para estar em um lugar historicamente destinados às pessoas da cidade e que dispõe de dinheiro. Observamos assim o peso do capital econômico e cultural familiar enquanto elemento que intervém e exerce influência no tipo de trajetória do ensino superior, conforme afirmam Nogueira e Nogueira (2009). Essas situações são bem recorrentes nas classes populares em razão dos seus sujeitos conviverem com a falta de recursos econômicos e sociais. Assim, tem reduzidas as chances para fazer investimentos na vida escolar, já que o tempo de estudos é longo e a possibilidade de um retorno no futuro é incerto. De outro modo, a exigência de um mínimo de recursos para sobreviver no presente é uma realidade, o que explica que entre a escola e o trabalho, muitas vezes os pais de classes populares preferam que os seus filhos se encaminhem para o trabalho.

Na sétima questão, perguntamos sobre a existência de parentes próximos que já cursaram ou estariam cursando universidade. A quase totalidade dos discentes afirmou não ter parentes cursando universidade. Para representar as respostas dadas, escolhemos a fala de Rosinha. Esta assim respondeu: “Sempre foi assim, um propósito dos meu pais, me incentivarem. Da minha família mesmo não tem ninguém que curse universidade ou já terminou de se formar”. Embora na fala da aluna, essa afirme que nenhum parente seu conseguiu chegar a cursar universidade, fica também evidenciado o apoio da família quanto a seguir nos estudos, demonstrado por meio de incentivos. Neste sentido, a família não influenciou diretamente com suas experiências, ou seja, com a existência de parentes que tenham feito um curso superior, ou seja, a aluna não teve referências familiares diretas que lhe servisse de inspiração, e neste caso, não se encontra na sua família o que podemos denominar, segundo Bourdieu, o capital cultural legitimado.

Considerando que além do incentivo emocional, algumas famílias também transmitem capital cultural privilegiado, de modo a favorecer o desempenho intelectual, assumindo um

papel muito importante para o desenvolvimento educacional dos seus membros, a depender de tal capital, os alunos na condição da entrevistada não teriam sucesso escolar. É importante considerar, nesse sentido, que o ser humano se constrói a partir de um conjunto diverso de relações afetivas familiares, mas também sociais, por isso o grupo familiar do qual esse indivíduo faz parte, mesmo não tendo um capital cultural legitimado para transmitir, a convivência real com outros sujeitos sociais pode atenuar essa carência familiar para o sucesso na formação escolar. Assim sendo, algumas pessoas passam a ser vistas como exemplo e inspiração para que sigam as suas trajetórias.

Sobre essa questão, diferentemente de Rosinha, Dora nos disse que muitos dos seus parentes cursaram ou cursam a universidade e isso tornou-se motivo de grande referência para a sua vida. Conforme expressa no depoimento:

A princípio quem influenciou assim a entrar na universidade foi minha irmã, ela é mais velha, então ela entrou, fez ciências. É tanto assim que eu fiz Ciências, que eu gostava, me identificava muito com ela como referência, aí teve as primas [...]. E assim, é, mainha sempre o maior apoio, ela foi professora, ela sempre valorizou os estudos e que a gente deveria estudar na universidade. Ela sempre colocou isso como meta, até assim, se a gente quisesse desistir, ela pegava no pé, que tem que estudar: “Como é que você vai conseguir as coisas sem o estudo?” E essa... E essa questão assim dos cursos, a família tem muito a referência da família, todinha tem.

No depoimento de Dora, fica claro que a sua família foi a sua principal influência, pois as experiências vivenciadas no contexto familiar a incentivaram a cursar a universidade. E por parte de sua família, a valorização dos estudos sempre foi considerada uma meta. Compreendemos assim a forte presença da herança cultural familiar na trajetória de estudantes, de modo a observar que o indivíduo na sua formação escolar configura-se na correlação entre o contexto familiar e o meio social em que este está inserido, com isto carrega saberes que tornam-se como uma porta de acesso a atingir o mais elevado nível de escolaridade. Esses casos de pessoas com um ou mais parentes que cursaram ou cursa universidade são consideradas possuidores de certo capital cultural absorvido pela via da escola, como é o caso da família de Dora, cuja mãe é professora e a irmã é graduada em curso de licenciatura. Bourdieu (2007, p.44) descreve a seguinte linha de pensamento:

A presença no círculo familiar de pelo menos um parente que tenha feito ou esteja fazendo curso superior testemunha que essas famílias apresentam uma situação cultural original, quer tenham sido afetadas por uma mobilidade descende ou tenham uma atitude frente à ascensão que as distingue do conjunto das famílias de sua categoria.

O legado de ações conferido pelo grupo familiar de Dora resulta positivamente na ascensão ao ensino superior. E com base nesse entendimento o grau de escolarização apresentado pela família aproxima cada vez mais os indivíduos ao sistema de ensino, seja como estudantes ou professores.

No que se refere à oitava questão, foi perguntado se a família do entrevistado tem o apoiado na trajetória do curso. A grande maioria dos alunos entrevistados relata que suas famílias lhe dão grande apoio durante o trajeto do curso. Entre estes, apenas uma aluna declarou não receber o apoio da sua família, mas percebe o orgulho dos familiares com relação as suas conquistas na universidade. Assim destacou Benona: “Não. Eles têm orgulho. Assim, mãe tem muito orgulho sim e.... e meu esposo, depois que acostumou com a situação, ele... ele se orgulha, [...] ele ter se acostumado com a situação e agora não pedir pra eu desistir, né?”

A fala da estudante nos permite identificar as percepções acerca do papel da família apenas como reconhecimento da valorização pessoal, como o citado orgulho enquanto motivo de valorização social. No entanto, no que se refere a investimentos e suporte como ajuda e incentivos nas despesas e colaboração nos trabalhos acadêmicos que possam assegurar a sua trajetória escolar, a aluna nos faz entender que no seu contexto familiar, seus parentes deixam muito a desejar.

Quanto aos alunos que afirmam receber o apoio familiar, eles enfatizam esse apoio como sendo o principal motivo para permanecerem no curso, acentuando a família como o ponto central do desenvolvimento na vida estudantil, ainda destacando o ambiente familiar como favorável para manter o equilíbrio emocional e conseqüentemente visa fortalecer o comprometimento com as tarefas acadêmicas. Assim afirma Dora:

Ah, com certeza (risos) me ajuda, me apoia, dão a maior força. Quando eu tô assim nos trabalhos lá, agoniada, sem saber como conduzir, aí eles leem os textos comigo tentando me ajudar pra ver se eu consigo e agora eu já estou na reta final, eles estão mais ansiosos do que eu: “Como é que você vai terminar? Vai dar tudo certo, tem paciência”. É a família, é a base, né? E a referência são eles mesmo, se não for eles a gente já teria parado no meio do caminho.

No discurso da estudante são visíveis as contribuições da família, sendo efetuadas até mesmo com a ajuda nas atividades e nos trabalhos universitários. Neste sentido, podemos afirmar que é de suma importância o compartilhamento de saberes para o processo de aprendizagem. Torna-se marcante e frequente o acampamento dos pais ou de outros membros da família nas atividades escolares das crianças, porém podemos perceber mais uma vez o

laço familiar interligado até a fase adulta, ou seja, mesmo depois de concluir o ensino fundamental e médio, e mesmo no ensino superior e na pós-graduação, os filhos ainda podem necessitar do auxílio dos pais ou parentes para cumprir as suas tarefas de aprendizagens. Nesta perspectiva, ressaltamos a importância do capital cultural obtido pela família e consideravelmente relevante para o bom desempenho do aluno, tornando um mediador da sustentação do sucesso nos estudos. Mas ressaltamos que as classes populares também tem o seu capital cultural, ainda que não reconhecido pela escola enquanto tal e que esse capital também pode ser útil ao processo de escolarização.

A família como um ambiente de socialização propicia aos seus membros aportes necessários para a sobrevivência. As famílias que dispõem de maior capital são as que têm maiores chances de direcionar seus filhos ao êxito escolar, cujo o sucesso do aluno está relacionado à herança cultural familiar. A esse respeito, Bourdieu (2007, p.42) nos diz: “a ação do meio familiar sobre o êxito escolar é quase exclusivamente cultural”. As famílias detentoras de certo capital cultural podem melhor garantir a trajetória educacional de seus filhos, pois é nessa relação com a cultura legitimada transmitida através de conhecimento prévios e estímulos constantes aos estudos que irão ajudar nessa construção do capital cultural.

A nona e última pergunta questionou os alunos sobre as expectativas dos familiares em relação à formação profissional destes. Ao analisamos as falas dos mesmos podemos averiguar que a maioria dos participantes do estudo afirma que suas famílias desejam que estes saiam preparado do curso para o mercado de trabalho, ou seja, acreditam estas que a formação é uma das portas de acesso para a inserção em uma determinada vaga de emprego.

No sentido apontado acima, os relatos das estudantes Rosinha e Margarida englobam as respostas dos demais participantes: Benona, Eurico e Chicó. Rosinha nos falou o seguinte: “Sim, com certeza! Assim, de arrumar um emprego, que é... como se pode dizer? Um emprego mais acessivo que mim dê uma renda estável, né?” Para Rosinha, as expectativas quanto a sua formação está atrelada à possibilidade de estabilidade na renda financeira. Isso porque para a sua família, o curso superior lhe permitirá a conquista de um emprego. Com isso, o estudo para as famílias dos alunos do curso de pedagogia irá garantir uma profissão, e futuramente, segurança financeira.

A estudante Margarida destacou o seguinte: “Saindo formada daqui, eu já tenha uma profissão que já me insira num ambiente de trabalho, porque as pessoas de lá criaram isso, se você já saiu do ambiente acadêmico universitário, já vá logo para o profissional”. Mais uma

vez constatamos evidências quanto às expectativas dos familiares em relação à formação profissional dos alunos universitários, fortemente marcada nas possibilidades de estabilidade financeira, em razão do curso preparar para a atuação no mercado de trabalho.

Neste cenário, um curso superior para essas famílias é considerado como um investimento no presente para o futuro. Contudo, vale salientar que muitas vezes, para o mercado de trabalho, nem sempre a certificação do diploma é o bastante, pois sendo um campo de competitividade, para a busca e a manutenção do emprego é necessário que o indivíduo não apenas se contente com uma formação inicial, no caso, apenas o curso de graduação, mas para que possa ampliar as suas oportunidades de vagas e conquistas no mercado de trabalho, é importante investir na qualificação profissional com novos cursos, formação continuada e autoformação, e assim aperfeiçoar e expandir os conhecimentos.

A esse respeito a estudante Dora em seu depoimento enfatiza a importância de novas formações acadêmicas como sendo expectativa de sua família com relação a sua formação profissional, com isso o investimento nos estudos deve ser de aprimoramento contínuo. Assim declara Dora:

A importância, a expectativa de terminar o curso, assim, minha e irmãs dizem: “Vai fazer quando terminar, você vai fazer pós-graduação, vai tentar um mestrado, vai tentar um doutorado, se não conseguir, mas vai tentar, quem sabe não consegue?” E a gente fica feliz porque sinal de que você vai conseguir, né?

Os aspectos relevantes na fala de Dora se referem à visão da família quanto à carreira profissional, almejando a conquista do sucesso, no sentido de um longo investimento que inclua especializações acadêmicas, cursos de mestrado e de doutorado. Em outras palavras, a maneira de atingir o sucesso profissional e pessoal está atrelado à formação profissional, que no caso do curso de Pedagogia, refere-se aos cursos de pós-graduação e outros cursos de aperfeiçoamento. Dessa forma, quando mais se obtiver os mais altos níveis de escolaridade, maiores serão as oportunidades de realização profissional. Outro dado a ser analisado é que entre os sujeitos pesquisados, Dora é a única que afirma ter na família a maioria dos seus parentes cursando ou já tendo cursado o ensino superior. Entende-se então que a valorização e o interesse pelo conhecimento escolar sistematizado pode ser uma herança familiar que se constitui como um capital e contribui para a apropriação e transmissão do capital cultural legitimado entre aqueles que não nasceram em famílias privilegiadas econômica e culturalmente. Assim, o reconhecimento prático e valorativo dos estudos escolares por parte das famílias não privilegiadas economicamente e o incentivo objetivo e subjetivo para que

seus filhos estudem com interesse e dedicação se converte numa manifestação e construção de capital cultural visando que os seus filhos superem os pais quanto à escolaridade e obtenha o diploma que os seus pais não puderam conquistar. A grande maioria dos entrevistados conseguiu ampliar o grau e o nível de escolaridade em relação aos seus familiares das gerações anteriores a sua.

5. CONSIDERAÇÕES

A família, como primeira intuição que o indivíduo faz parte, é também o espaço de socialização e construção de saberes e valores, por isso constitui um papel importante na formação humana. Desse modo, os valores e experiências advindos do contexto familiar exercem influências na educação escolar.

Nessa perspectiva, o objetivo dessa pesquisa foi desenvolver um estudo sobre as influências familiares no processo de formação dos alunos do curso de Pedagogia do CFP/UFCG. A partir da análise dos dados coletados durante a pesquisa percebemos que a família e as condições sociais e econômicas desempenham grande influência na trajetória acadêmica destes alunos. Foi possível verificar ainda que a maioria desses alunos, antes de entrar no curso, desconhecia o verdadeiro sentido de estudar em uma universidade, como também o curso de pedagogia, na visão do meio familiar e social, era considerado como algo desvalorizado.

A maioria dos alunos participantes do estudo confirma a importância da família na formação acadêmica, contribuindo através de incentivos e gastos financeiros. Fica evidenciado que as famílias que possuem o capital cultural valorizado pela intuição escolar, como é destacado por Bourdieu, tem a posse de bens materiais, relações sociais relevantes e certificação de diplomas escolares. Essas famílias têm a possibilidade de fornecer aos seus membros maiores chances de êxito na universidade, pois além de contribuir através das experiências e capital cultural fornece recursos financeiros que tornam-se componentes importante para a permanência no curso e, conseqüentemente, possibilita o indivíduo acender socialmente.

A influência cultural familiar é um fator importante na trajetória dos seus membros que adentram na vida estudantil. Percebe-se isso porque a família é o primeiro grupo social com quem o indivíduo se relaciona e com o qual vai assimilando as primeiras noções de valores. E assim dependendo da sua cultura familiar, o indivíduo mantém uma relação com os estudos e assim vai construindo a sua trajetória de vida estudantil.

Perceba-se também que o aspecto econômico faz interferência tanto na dimensão das noções de valores, como nas condições de acesso e permanência na universidade. Com isso, vale lembrar que as maiores dificuldades dos alunos pra permanecerem no curso estão relacionadas com as condições financeiras para manter os gastos que a universidade exige. Contudo, é destacado que os programas governamentais de incentivo financeiro aos

estudantes de classes de menor poder econômico, como é o caso do REUNI, é o principal suporte para os alunos seguirem no seu percurso universitário.

Observa-se, assim, que os indivíduos pertencentes os contextos familiares que são portadores de maior poder aquisitivo são os que mais têm acesso à escola e nela permanecem. Então, compete-nos pensar: a universidade, de fato, está viabilizando a igualdade de oportunidades e justiça social para todos os seus membros? Na visão de Bourdieu a escola passa a considerar como homogênea todos os que dela participam, de maneira que a cultura é heterogênea e nem todos os alunos pertencem a uma mesma cultura. Neste caso, a escola atua na reprodução e legitimação das desigualdades sociais.

As instituições escolares nos fornecem possibilidades de mobilidade, porém sabemos que as oportunidades de acesso são diferenciadas de acordo com o nível social e cultural de cada estudante. De modo que essas instituições passam a contribuir fortemente para a preservação e reprodução das desigualdades sociais, com isso determinados grupos são mais favorecidos econômica e culturalmente.

Para algumas famílias, o estudo traz a concessão de vantagens, tanto em lucros financeiros como na categoria de status. E assim, oportunizar estudo aos filhos é oferecer-lhes chances de crescerem economicamente, e conseguir posições de destaque na sociedade.

Desta forma, para determinados indivíduos, frequentar a universidade não tem um significado puramente na construção de um saber formal e estruturado cientificamente, mas sim, tem uma referência mais relevante com a questão econômica e posição social. E isso está mais ligado às famílias que dispõe de capital cultural e social, pois os mesmos tem a concepção de que estudar é um investimento de lucro certo. Visto que na esfera social, os mais favorecidos sejam os de posse de capital cultural legitimado, e tendem a torna-se cada vez mais favorecidos. Já para as famílias que não tem posse do capital cultural legitimado, nem sempre estudar traz-lhes retornos garantidos.

Então os saberes transmitidos no convívio familiar e social, sendo este o capital cultural, tem grande relevância na formação dos indivíduos, principalmente no que concerne aos estudos. Com isso estudar não é totalmente contido na concepção do ser humano, de modo espontâneo, mas está fortemente ligado aos aspectos familiar e social, que são os elementos geradores das aptidões para os estudos, é a permanência na escola, e consequentemente pela opção de cursos socialmente mais valorizados. Assim, conclui-se que a influência cultural familiar conduz a trajetória dos educandos no ingresso ao ensino superior, como também a sua permanência.

REFERÊNCIAS

- BAGNO, Marcos. **Nada na língua é por acaso**: por uma pedagogia de variação lingüística. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.
- BOURDIEU, Pierre. A escola conservadora: as desigualdades frente à escola e à cultura. In: NOGUEIRA, Maria Alice; CATANI, Afrânio (Orgs.). **ESCRITOS DE EDUCAÇÃO**. 9 ed. Petrópolis; Vozes, 2007.
- BONAMINO, Alicia, ALVES, Fátima, FRANCO, Creso e CAZELLI, Sibebe. Os efeitos das diferentes formas de capital no desempenho escolar: um estudo à luz de Bourdieu e de Coleman. **Revista Brasileira de Educação**, 2010. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbedu/v15n45/07.pdf> Acesso em: 31 de novembro de 2015.
- CALADO, Alder, SILVA, Alexandre. **Cidadania no horizonte do trabalho**: reflexões sócio-históricas e pedagógicas. Edições Fafica: João pessoa, 2005.
- CHARLOT, Bernard. **Da relação com o saber**: elementos para uma teoria. Tradução de Bruno Magne. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.
- CASARIN Nelson Elinton; RAMOS, Maria Beatriz Jacques. Família e Aprendizagem Escolar. **Rev. Psicopedagogia**, 2007. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/psicoped/v24n74/v24n74a09.pdf>. Acesso em: 22 de julho de 2016.
- CARDOSO, Maria Angélica; LARA, Ângela Mara de Barros. Sobre as Funções Sociais da Escola. IX Congresso Nacional de Educação – EDUCERE, PUCPR, 2009. **Anais...** Disponível em: http://www.pucpr.br/eventos/educere/educere2009/anais/pdf/1929_1160.pdf. Acesso em 18 de agosto de 2016.
- DESSEN, Maria Auxiliadora e POLONIA, Ana da Costa. **A Família e a Escola como contextos de desenvolvimento humano**. Universidade de Brasília, Distrito Federal- Brasil, 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/paideia/v17n36/v17n36a03.pdf>. Acesso em 12 de maio de 2016.
- DUBET, François. A Escola e a Exclusão. École des Hautes Études en Sciences Sociales. Cadis Université Victor Segalen 2: Bordeaux. Trad.: Neide Luzia de Rezende. **Cadernos de Pesquisa**, n. 119, p.29-45, julho. 2003. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/cp/n119/n119a02.pdf>> Acesso em: 31 de outubro 2015.
- FERNANDES, Dorgival.Gonçalves. **Irremediável campo de sonhos de futuro**: representações sociais da escola entre jovens estudantes de escolas públicas no sertão nordestino. 256.p. Tese (doutorado em Educação) – F.E. UFSCAR. São Carlos, 2003.
- GIL, Antonio Carlos, **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2002.

OLIVEIRA, Maria Marly de. **Como fazer pesquisa qualitativa**. 2º ed. Petrópolis- RJ: Vozes, 2008

NOGUEIRA, Cláudio Marques Martins; NOGUEIRA, Maria Alice. A sociologia da educação de Pierre Bourdieu: limites e contribuições. **Educação & Sociedade**, ano XXIII, n. 78. Abril, 2002. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/es/v23n78/a03v2378.pdf>>. Acesso em: 31 outubro de 2015.

NOGUEIRA, Cláudio Marques Martins; NOGUEIRA, Maria Alice. **Bourdieu & Educação**. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

RICHARDSON, Roberto Jarry et al; **pesquisa social**; métodos e técnicas – São Paulo. Altas, 1985

SAVIANI, Dermeval. **Pedagogia histórico-crítica**: primeiras aproximações. 11.ed.rev. Campinas, são Paulo, 2011.

VASCONCELLOS, Maria Drosila.. **Pierre Bourdieu**: a herança sociológica. **Educação & sociedade**, ano XXIII, Nº 78, Abril, 2002. Acesso em 12 de maio de 2016.

APÊNDICES

Apêndice A – Roteiro para entrevista

Questões articuladoras do TCC

- 1 - O que era a universidade para você antes de entrar no curso?
- 2 - Para você o que significava estudar em uma universidade?
- 3 - Antes de entrar na universidade, o que era o Curso de Pedagogia para você?
- 4 - O que levou você a procurar fazer o Curso de Pedagogia?
- 5 - Como foi o seu processo de entrada e a sua permanência na universidade?
- 6 - A sua família te influenciou na sua decisão de cursar pedagogia?
- 7 - Você tem parentes próximos que cursaram universidade?
- 8 - A sua família tem lhe apoiado na sua trajetória no Curso de Pedagogia?
- 9 - A sua família demonstra expectativas em relação a sua formação profissional?

Apêndice C – Termo Livre Esclarecido



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
UNIDADE ACADÊMICA DE EDUCAÇÃO**

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Prezado Participante,

A presente pesquisa intitulada: _____, tem como principal objetivo _____.

A pesquisa será realizada por meio de entrevista individual semiestruturada. A sua identidade será mantida em sigilo, bem como sua instituição. Os procedimentos previstos, para esta pesquisa, não envolvem qualquer desconforto para os participantes.

Sua participação é valiosa para o desenvolvimento da pesquisa e para a produção de conhecimentos na área da Educação.

Atenciosamente,

Aluna do Curso de Licenciatura em Pedagogia/UFCG/CFP/UAE



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
UNIDADE ACADÊMICA DE EDUCAÇÃO

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Discuti com a pesquisadora _____, aluna do Curso de Pedagogia, sobre a minha decisão de participar deste estudo voluntariamente. Ficaram claros, para mim, quais são os propósitos da pesquisa, os procedimentos a serem utilizados e a garantia de confidencialidade.

Cajazeiras/PB, ____/____/2017

Pesquisadora

Assinatura do participante da pesquisa (Entrevistado/a)

RG.: